



Turma Brasinha

EPCAR

50 Anos

1960 - 2010



50 anos

1960 - 2010

Sumário

<i>O Justo Propósito.....</i>	5
<i>Luzes de Março.....</i>	8
<i>Uma Vida Dedicada ao Ideal.....</i>	11
<i>Mensagem do Jubileu de Ouro.....</i>	12
<i>A Gênese da nossa Turma.....</i>	14
<i>História de Barbacena.....</i>	16 a 22
<i>Escola de Aeronáutica</i>	
<i>Campo dos Afonsos.....</i>	23 a 28
<i>Nossos Comandantes.....</i>	29
<i>Aeronaves de Nossa Geração.....</i>	30 a 32
<i>Nossos Oficiais Gerais.....</i>	33
<i>Reminiscências.....</i>	35 a 50
<i>Trajетórias de Vida.....</i>	51 a 186
<i>Catálogo dos Brasinhas.....</i>	187 a 213
<i>Homegem aos que alçaram</i>	
<i>Vôo ao Infinito.....</i>	214
<i>Mensagem para Reflexão.....</i>	217
<i>... E Assim Vamos Cumprindo</i>	
<i>Nossa Missão.....</i>	219
<i>Saudação aos Brasinhas.....</i>	220

Turma Brasinha: Copyright © 2010 by O Zé e vários autores

Patrocínio: FHE / POUPEX

Projeto Editorial: Editora LUZES - Comunicação, Arte & Cultura

Impressão e Fitolito: Atto Comunicação e Design

Coordenação Gráfica: Ericson Moreno

Arte e Diagramação: Júlio Cesar Rosa

Agradecimentos: Equipe do Museu Aeroespacial e da Escola Preparatória de Cadetes do Ar pela colaboração na pesquisa de acervos; Suboficial José Ricardo Lima bastos (UNIFA) e Sargento Alex Alvarez Filho (UNIFA) pela colaboração no apoio técnico.





Símbolos que sustentam

Jurubanga!

Jurubanga, grito de guerra criado, em 1960, pela Turma da Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR).

O grito de guerra, nos meios militares, tem a função de estimular o potencial do homem, diante de situações adversas, de conflitos e dos perigos próprios à natureza dos combates.

Trata-se de uma remotivação psicológica e de uma evocação dos compromissos assumidos com a coletividade, com a comunidade coesa, determinada a vencer desafios, levando o indivíduo a conquistar seus propósitos e objetivos.

Jurubanga não possui qualquer sentido léxico ou ideativo. É fruto da criatividade e está representado por uma ave ferida, porém em condições de prosseguir sua jornada a despeito das dificuldades próprias dos cenários de combate. *Jurubanga* é um termo do imaginário, cuja autoria não está bem definida, uma vez que certas expressões nos meios aeronáuticos passam de geração em geração, com significados subjetivos, ganhando vida própria.

No caso da Turma EPCAR-60, o grito de guerra *Jurubanga* foi assimilado por conta da influência exercida, na época, pelo Capitão Aviador Bayard Ferreira da Costa, Comandante da 2ª. esquadrilha, oficial entusiasta que se fez líder natural dos seus alunos na velha Barbacena.

Muito jovem, o capitão Bayard deixou o convívio deste mundo para eternizar-se na lembrança dos integrantes da turma de 1960. Ainda hoje é possível ouvir o timbre de sua voz, estimulando os seus alunos, águias esperando a plumagem, a um esforço contínuo e saudável na busca do ideal, sob o grito de guerra: *Jurubanga*.



Zé

Criação do Álvaro Moreira Pequeno (60) em parceria do companheiro Luiz Carlos Lacerda (60), o Zé nasceu como representação simbólica do

Ganhou, portanto, identidade e personalidade. Como ele próprio afirmou, na "Senta Pó" "Somos produto de um trabalho de equipe. Estarei sempre presente onde houver flutuação" (desculpe a ênfase), faço parte desta Turma.."

Tendo convivido conosco, durante três anos, em Barbacena, o "Zé" conhece cada um de nós: nossas virtudes e defeitos, mas sempre com o mais nobre espírito de amizade. Ele vem caminhando conosco nesses cinquenta anos, mas continua mantendo a sua juventude. Afinal, o "Zé" é um sujeito meio transcendente; uma espécie de mago dos tempos, de contador de história, daquelas que têm o sabor do eterno.

E foi assim que ele começou a nossa história, lá naqueles dias da EPCAR:

"Era uma vez". "Certa vez"...



A Comissão Organizadora do Evento Comemorativo do Jubileu de Ouro da Turma Brasiinha EPCAR 1960 agradece a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste acontecimento de significativa importância para todos os nomes registrados nestas páginas...



...tentam a tradição.

Zé

Pequeno (61-320), que solicitou a Carlos Lacerda Abreu e Lima (60-219), o simbólica da nossa Turma.

de e personalidade.

na "Senta Pua - 1960":

palho de equipe.

nde houver flagrante porque eu, o Zé,



nossa



Brasinha

Toda história tem nomes, tempos e espaços bem definidos. Personagens, datas e lugares marcados no passado para referências de um tempo futuro. Alguns registros dependem de pesquisas, providas pela autenticidade dos documentos e dos fatos; outros, são frutos da tradição, da força do folclore, passados de geração em geração, pela memória dos privilegiados.

O Trindade, o *Trinda* de BQ, 60-198, nos relata que naquela década dos sessenta freqüentava a casa de seus primos no Grajaú. Naquele tempo, estava aparecendo uma certa "moda" de colocar "cromos" (lembram-se dos cromos?) para enfeitar bicicletas, carros, etc. Lá, o Trindade conta haver tomado contato com uma revista em lançamento, cuja capa possuía um "diabinho infantil", que dava título à revista: *Brasinha*.

Conta, ainda, que a imagem ilustrava a capa por inteiro e acrescenta: "Achei a revista interessante e comprei um exemplar para recortar a figura e *entrar na moda*, colocando-a no capô do fusca do meu pai, perto da alça de abertura. Foi do agrado de todos por lá."

No curso de sua história, diz que, ao regressar para os Afonsos, sempre que seu pai lhe emprestava o carro, dava carona para o Lott (60-349), o Arnaud (60-133) e o Romero (61-315). "Eles viram o *Brasinha* e gostaram muito. Perguntei o que achavam de adotá-lo como mascote da turma... Todos foram unânimes em aprovar, sugerindo, inclusive, a idéia de colocá-lo na 'bolacha' usada no macacão de vôo, a exemplo do já acontecia com o '*Jurubanga*'. Pedi a opinião de vários outros colegas e todos acharam a idéia boa. Solicitei, então, ao Pequeno (61-320) que desenhasse o *Brasinha* num tamanho compatível para o uso como símbolo da turma. Daí o Souza Ramos (60-068), incumbiu-se de produzir as bolachas para macacão, panóplias metálicas e chaveiros. De todos, tenho alguns exemplares, inclusive da revista original..."

O atual desenho teve, mais tarde, a importante participação do Lacerda (60-219) que ilustrou com o *Brasinha* muito das nossas publicações.

Em seu relato, Trindade acrescenta:

"A história é curta, mas traz longas e ótimas lembranças..."

Indubitável e feliz desfecho. Traz realmente *longas e ótimas lembranças* de um tempo em que ser um "diabinho infantil" refletia a inocência de uma época na qual avultavam heróis como "*Gasparzinho — o fantasmilha camarada*" e outros mitos do mundo etéreo para dar ao homem a promessa de que por trás da abóboda azul, a qual buscávamos conquistar, havia seres de uma esfera celeste promissora. E isso era um motivo a mais para gostar de aviões. Claro, quebramos alguns, a exemplo do que faria o *Brasinha*, para aprender a voar...

Mas, chegamos aqui!..



Editorial

O evento do JUBILEU DE OURO da Turma Brasinha transcende o simples fato de uma festa de confraternização. É também um momento de fraternidade, sem dúvida, no qual aqueles quase-meninos, vindos de todos os recantos do país, reencontram os companheiros no abraço irmão, revivendo as emoções daqueles mesmos dias que os viu chegar à histórica cidade de Barbacena. O mesmo recanto que os uniu na juventude vive agora o cenário de festa e de renovada emoção. Porém, é, sobretudo, um acontecimento que se insere no cenário das nossas forças telúricas, desenvolvendo, cada vez mais, o voto de cidadania, compartilhando o espírito patriótico. Isso porque, além dos que lograram atingir o oficialato, a partir daquele curto-longo tempo que tem origem em 1960, na ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DO AR, contam ainda os efetivos brasileiros que migraram daquela escola militar para a jornada do mundo civil, emprestando seus talentos e competências ao progresso da sociedade nacional.

Nesse sentido, os eventos comemorativos, programados para essa data tão significativa, buscam privilegiar o conjunto dos elevados e nobres interesses que unem esses integrantes da Turma Brasinha com a Força Aérea Brasileira. Tais iniciativas, que congregam integrantes de várias turmas ao longo do tempo, mantêm o espírito de corpo, o fortalecimento das tradições militares, inserindo-se no desenvolvimento sociointerativo de suas respectivas Forças Armadas. Isso produz uma notável sinergia social, em favor da macro-sociedade brasileira, considerando o elevado número de companheiros que passaram pelas escolas militares e que, ainda hoje, desempenham papéis de relevância, no campo político, social e econômico, atrelados ao segmento civil da sociedade.

Além disso, fundamenta-se como exemplo que perdura entre gerações, mobilizando a coesão dos militares da ativa e da reserva, agregando os civis de suas respectivas turmas, anunciando, nesse sentido, a unidade de propósitos que nos remete ao serviço da pátria.

Por essa razão, mais do que justa, que se reveste de uma acentuada força afetiva, vale a iniciativa, emoldurada de esforços, que prevaleceu entre todos, no sentido de materializar, entre os eventos, a distribuição de exemplares de uma REVISTA COMEMORATIVA DO JUBILEU DE OURO DA TURMA BRASINHA, registrando, em essência, tais pensamentos, para o legado histórico da Força Aérea Brasileira.

Eis o que se pode afirmar, nesse momento, como testemunho de uma geração que aprendeu a valorizar e a cultivar os elevados princípios éticos, morais e intelectuais que moldaram o caráter e a personalidade de cada um daqueles que juntos trilharam esses cinquenta anos de realizações.

Tudo isso, a partir da indefectível aliança que fizeram, sob juramento, com os princípios e valores preconizados pela ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DO AR, nascente do Poder Aéreo, que alimenta a missão da FORÇA AÉREA BRASILEIRA.



Homenagem

Aos que alçaram vôo ao infinito

Nossas homenagens e preces para os companheiros que se foram...

Um dia, eles voaram em direção ao azul celeste, transmutando suas formas e libertando a energia ativa e inteligente de seus espíritos para uma nova dimensão.

Hoje, são seres espirituais que levaram em suas almas a alegria de haver participado de momentos na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, de exercitarem suas emoções e sentimentos entre jovens que comungavam dos mesmos ideais e de trabalharem por uma causa superior aos seus próprios interesses — servir à Pátria e à Aviação!

Eles continuam presentes entre nós, porque as coisas ligadas ao coração ficam impregnadas em nosso espírito, para sempre, não importando os planos e dimensões em que essas almas possam estar.

Eles são o elo do temporal e do espiritual, levando-nos à crença na perenidade dos valores ligados ao bem, ao dever e ao amor.

Eles estão ligados aos nossos pensamentos pela onipresença, onipotência e onisciência de Deus...



Abel Nicolau **Eloy Netto**

Matrícula: 59-209

Aderson de Souza **Alcântara**

Matrícula: 59-202

Alberto **Benevides** Silva

Matrícula: 60-108

Alberto **Pires da Silva** Junior

Matrícula: 60-204

Álvaro Augusto **Theodoro** Pimentel

Matrícula: 60-182

Antiocho Carneiro de Mendonça

Matrícula: 60-137

Ari Rodrigues

Matrícula 60-048

Carlos Alberto **Jacques**

Matrícula: 63-185

Carlos Artur **Coelho** Ribeiro

Matrícula: 60-240

Dilson **Botelho** de Macedo

Matrícula: 59-136

Eduardo Antonio de Oliveira **Café**

Matrícula: 60-125



"Os mortos não são os ausentes, eles são os invisíveis."

Victor Hugo





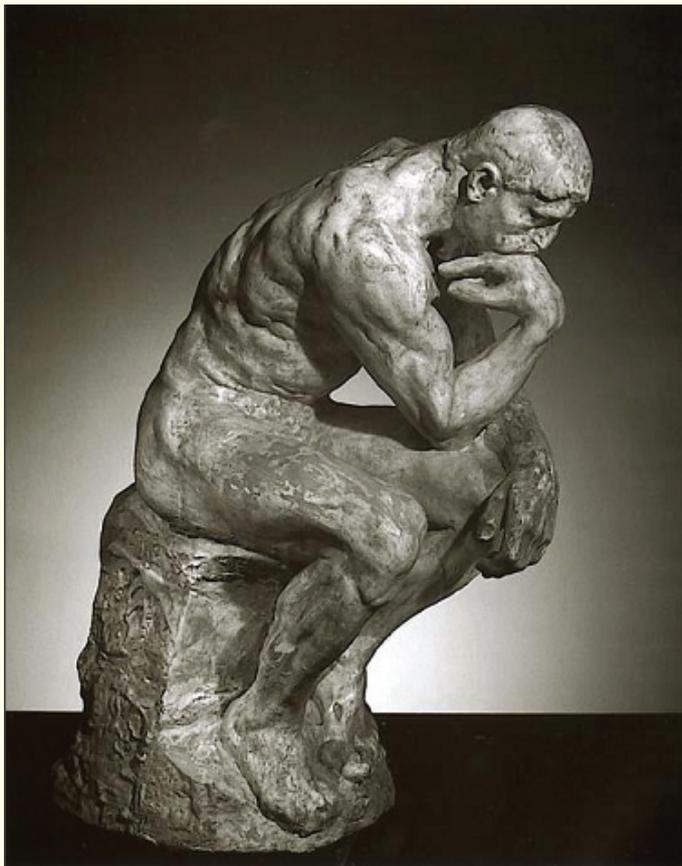
Enildo Queiroga **Lucena**
Matrícula: 60-100
Ernesto **Ribeiro da Silva**
Matrícula: 59-200
Fernando Antonio de **Melo Souto**
Matrícula: 59-189
Fernando **Mascarenhas** Filho
Matrícula: 59-092
Flávio Augusto **Lube** Corrêa
Matrícula: 60-051
Francisco **Porfírio Neto**
Matrícula: 60-116
Hugo Natanael Carmo **Bueno**
Matrícula: 60-079
Ilton Carlos de Almeida **Esperança**
Matrícula: 60-046
José Araken **Leão** dos Santos
Matrícula: 60-050
José Carlos Ardovino Barbosa **Cambiagui**
Matrícula: 60-098
José **Ronaldo** Tavares Pereira
Matrícula: 60-015
José **Severo** Santos Rabelo
Matrícula: 60-040
Júlio César **Markmann** Siqueira
Matrícula: 61-339
Levi Gonçalves Soares
Matrícula: 60-069
Luiz Eloi Espíndola **Ávila**
Matrícula: 60-044
Luiz Geraldo **Fernandes**
Matrícula: 61-336
Manoel **Batista** Filho
Matrícula: 61-304
Manoel da Silva **Fernandes**
Matrícula: 59-214
Marcelo Pinheiro da Silva
Matrícula: 60-047
Marcus Alberto Pereira **Monteiro**
Matrícula: 59-187
Mário César **Brandão**
Matrícula: 59-235
Mauro **Cavalcanti** Albuquerque
Matrícula: 59-054
Nelson de Assis Cerqueira
Matrícula: 60-052

Osmar José **Giraldi**
Matrícula: 60-138
Paulo Henrique de **Abreu Coutinho**
Matrícula: 61-318
Paulo Roberto de Souza **Machado**
Matrícula: 59-183
Paulo **Tinoco** de Souza
Matrícula: 60-167
Pedro **Spinkus**
Matrícula: 60-154
Raimundo Nonato **Guerra**
Matrícula: 60-118
Reinaldo de Carvalho **Farinha**
Matrícula: 60-028
Roberto Pereira **Ferraz**
Matrícula: 60-342
Sérgio **Candiota** da Silva
Matrícula: 60-101
Shonan **Nagatani**
Matrícula: 60-099
Túlio Batista Colares
Matrícula: 60-359
Uyrange B. S. N. De **Hollanda** Lima
Matrícula: 58-058
Valdecir Pereira de Medeiros
Matrícula: 59-205
Wellington **Rezende**
Matrícula: 59-145





Mensagem para reflexão



O Pensador - Auguste Rodin
(Paris, 12 de novembro de 1840 - Meudon, 17 de novembro de 1917)

O tempo consolida a nossa experiência, conspirando sempre em nosso favor: vivifica nossas amizades, desenvolve o conhecimento sobre nossas potencialidades, virtudes e imperfeições que devam ser trabalhadas a partir da nossa própria interioridade, recriando as oportunidades que se apresentam em nossas vidas... Uma espécie de esperança que se alicerça na fé, na direção de um destino que se entrelaça ao ideário de felicidade e perfeição. Refletindo sobre a importância deste momento de confraternização, construída ao longo de meio século de existência, deixo aos

companheiros o registro de idéias, temperadas de emoção e de sentimentos, que me encorajam a perscrutar a alma de cada um de nós, em tão singular comunhão de ideais.

É como se aquilo que escrevo nestas linhas pertencessem a todos, não como uma inspiração literária, mas como o patrimônio inalienável de nossas vidas. É como se explicasse o eco, a ressonância, de um único pensamento que nos uniu na juventude e que agora, diante da idade provecta, nos faz acreditar nas realizações da vida...

O espectro de lembranças, por vezes, se faz presente como um lampejo, iluminando os caminhos do passado, por onde trilhamos juntos; entretanto, em alguns instantes essas lembranças se diluem, no âmago da consciência, e se apresentam pálidas, difusas, quase como um sonho que não quer se diluir no tempo...

Todas essas emoções se acrescentam ao tempo presente. Uma forma de alegria incontida que explode no peito de cada um de nós e que salta à garganta, traduzidas em palavras de saudades e movidas pelo abraço fraterno que parece o tentáculo do espírito se alongando além de uma dimensão física que configura o tempo e o próprio espaço.

Inspirados pelo imaginário que transcende as dimensões, recriamos o nosso próprio tempo. Voltamos! Trazemos as lembranças que ficaram no passado e que agora ganham forma, essência e substância.

Conosco vêm todas as imagens e pessoas, mesmo as invisíveis, tocadas de uma ausência aparente, mas que se destacam em cada pensamento de saudade. Tudo isso é



*Dizer que o que é, é, e o que não é, não é, eis a verdade.
Aristóteles*



refletido em nosso olhar, em cada sorriso, em cada aperto de mão, infiltrando energias que não se conformam apenas a uma forma física, mas que expandem os nossos espíritos. O que somos agora, senão indivíduos espalhados pela imensidão de um planeta que ficou pequeno para tanto sentimento de amizade, de respeito, de solidariedade, de fraternidade... Essas mesmas virtudes que, depois de cultuadas e aprendidas, em tão pouco tempo, na unidade daquele momento vivido na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, na acolhedora cidade de Barbacena, em Minas Gerais, nos idos de 1960, pela força do coletivo, do grupo, acabou se transformando em um aprendizado de amor.. Como se fosse o aprendizado que só é possível fazer em família e somos, realmente, uma família.

Esse culto, sagrado e mágico, que se metamorfoseou em cada um de nós, pelos diferentes caminhos percorridos, acabou imbricando pelos labirintos da existência em um aprendizado que se traduz em nossas ações e realizações presentes... Isso é o que se pode deduzir dos relatos transcritos nestas páginas comemorativas; registros que deixamos como legado aos nossos filhos e netos, descendentes de uma brasilidade que começou (quase sem saber) em 1960, há cinquenta anos passados. Pela importância deste momento, ousou

interpretar esses conceitos, extraídos das mensagens que, ao longo desta trajetória de vida, foram plenificadas. Cada uma dessas trajetórias vai além de um simples relato. Sobretudo, elas são o testemunho de como o homem pode vencer e ser feliz, a despeito dos estreitos labirintos, pavimentados de infortúnios e adversidades, traçados entre os caminhos da temperança, da pertinácia, da fé e da esperança, construídos pelo livre-arbítrio que molda nossa existência.

É como resgatar, então, adequada a estas comemorações, o significado de cada uma dessas páginas que vão além de uma revista, de um momento comemorativo; elas estão povoadas de um enigma e de uma transbordante inspiração que se revelam e se escrevem durante a própria vida.

Nisso está o resumo de nossa participação: transformar a herança recebida no legado que deixamos aos nossos filhos e netos, descendentes que levarão, além dos nossos genes, a essência e substância de nossas almas, compartilhadas em amor, pela eternidade...

Ubirajara Carvalho da Cruz (60-093)





... E assim vamos cumprindo nossa missão.

O tempo passa em sua marcha indefectível, avançando pelas idades e construindo os inúmeros ciclos da História. E assim, o tempo celebra a vida! Mas toda essa noção, intuída ou percebida, só é possível pelo agente consciente da existência: o homem!

Nossa turma está, indelevelmente, ligada a esses ciclos construtivos, ainda que, numa analogia das dimensões do tempo e do espaço, num infinito ponto de luz dentro do universo. São apenas cinquenta anos, no contexto de uma eternidade. Entretanto, nisso reside a grande magia, porque fizemos desses cinquenta anos uma imperceptível, inefável, mas indelével realização eterna! Eterna, porque se fundamenta em valores perenes, tais como a amizade, o afeto, a solidariedade, o compromisso com o ideal de servir a uma causa superior aos nossos próprios interesses; eterna, porque foi herança dos que nos precederam e é legado para aqueles que virão depois de nós; eterna, porque cada uma das lembranças, dessa convivência de meio século, foi amalhada em nossas almas, partes constitutivas do grande e poderoso ser imponderável, que nos faz um convite à perfeição, à iluminação, ao esplendor das existências...

Por tudo isso, estamos aqui, nesse momento de transcendente beleza! Esta mensagem não é uma despedida, mas um até breve que não se insere na conceituação do tempo finito, existencial, mas daquilo que é perene, edificante e imutável.

Nosso predestinado destino, visível e cultuado, na EPCAR, a partir de 1960, reunia os companheiros que lá estavam, desde o ano anterior, compartilhava com os que chegariam no ano seguinte e os que ingressariam, em 1963, na Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos; formávamos, então, uma Turma que nos inspirou o conceito de que "o indivíduo cresce quando aceita o seu amalgamento na massa". Não excluímos o nosso livre-arbítrio, mas soubemos cultuar os valores da unidade de propósitos, do espírito de corpo e da prática universal de conhecimentos que recebíamos quando jovens, vestindo o mesmo uniforme e acalentando os mesmos sonhos... Por trás dos portões da velha Escola, cruzando as alamedas da EPCAR, nós começaríamos um novo mundo. No princípio, inseguros, arredios, ansiosos... Depois, cresceríamos, tomaríamos forma, guardando sempre, no fundo de nossas almas, a esperança, a fé e o ideal... Assim, nos transformamos em seres imortais!

Portanto, diante de tais convicções resta-nos agora esperar o próximo encontro, não importando o tempo que nos aguarda ou o espaço que já construímos, além da finitude do que resta da vida... Importa, sim, a eterna presença, a eterna crença, a eterna aliança. E para que esse valor seja sempre nosso, numa realidade inalienável aos nossos sonhos, ele será cultuado em cada segundo de nossas lembranças, em cada instante de nossas reflexões, em cada olhar lançado para o futuro... Nossas vozes, silenciadas no fundo de nossos corações serão como o eco de nossas consciências, gritando pelo espaço sideral para ser ouvida, na sua viagem entre as estrelas, e também lembrada por todos aqueles que herdarão nosso patrimônio espiritual. Um patrimônio legado à Força Aérea Brasileira, pelos que a ela serviram, e ao país inteiro, por todos nós, sem distinção: civis e militares da Turma Brasinha, além daqueles que, muito cedo, alçaram vôo ao infinito... Todos, como na Sinfonia Coral de Beethoven, inspirada nos versos da "Ode à Alegria" de Friederich Shiller, poderemos cantar: "Missão Cumprida!"

Brasinhhas



SAUDAÇÃO AOS BRASINHAS

Como ex-aluno da saudosa Escola Preparatória de Porto Alegre, volto os olhos ao meu passado e, neste momento, me identifico com cada um e com todos os integrantes da Turma Brasinha, pois, como vocês, ainda muito jovem também iniciei a minha longa caminhada a serviço do Exército Brasileiro.

Hoje, como Presidente da Fundação Habitacional do Exército-FHE e da Associação de Poupança e Empréstimo-POUPEX, com muito orgulho e profunda emoção dirijo-me aos integrantes da turma por ocasião das comemorações do Jubileu de Ouro.

Sei da alegria e do significado deste momento ímpar na vida de cada um, uma vez que se reúnem para reviverem o ontem, renovando emoções e sentimentos, e comemorar o hoje com muita alegria, quando completam 50 anos de uma fraterna convivência.

Vindos dos mais distantes rincões do nosso país, no início dos anos sessenta, chegaram, à reconhecida e conceituada Escola Preparatória de Cadetes do Ar - EPCAR, mais de três centenas de jovens idealistas que iriam compor a Turma Brasinha.

Cada um trazia na bagagem o sonho e a aspiração de um dia ser um oficial aviador da Força Aérea. Para isso tiveram que renunciar ao aconchego da família e encarar diariamente os desafios e dificuldades que teriam que superar para se adaptarem à vida da caserna.

Nas instruções de Ordem Unida, na Educação Física, no Ensino Acadêmico, nas formaturas e palestras e nos exemplos diurnos dos seus comandantes, instrutores e mestres, foram moldando o caráter, aprimorando os valores de disciplina, de coragem, de ética, de honestidade, de lealdade e colocando acima de tudo os sentimentos de Honra e de Pátria.

Construíram o embasamento cultural e social que lhes permitiriam abrir as portas para o ingresso na saudosa Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, onde, como cadetes, complementariam a formação para o oficialato.

Alguns não seguiram a carreira militar, mas, com os princípios e valores que incorporaram na EPCAR, foram por caminhos e destinos diferentes e, com certeza, escreveram belas páginas no exercício de outras profissões, servindo com muita dignidade à nossa sociedade.

Tenho certeza que cada um, no seu tempo e no seu espaço, realizou ações com muita grandeza e determinação, o que os tornaram verdadeiros vencedores na vida, exemplos para as gerações de ontem e de hoje e, porque não dizer, de amanhã.

Neste momento tão importante e de especial significado para vocês, rendo esta justa e singela homenagem aos integrantes da Turma Brasinha.

Que DEUS continue iluminando os caminhos de todos, derramando as suas bênçãos em suas vidas. Sejam sempre muito felizes.



Clovis Burmann
Gen Ex Clovis Jacy Burmann
Presidente da FHE e da POUPEX

FHE Fundação Habitacional do Exército

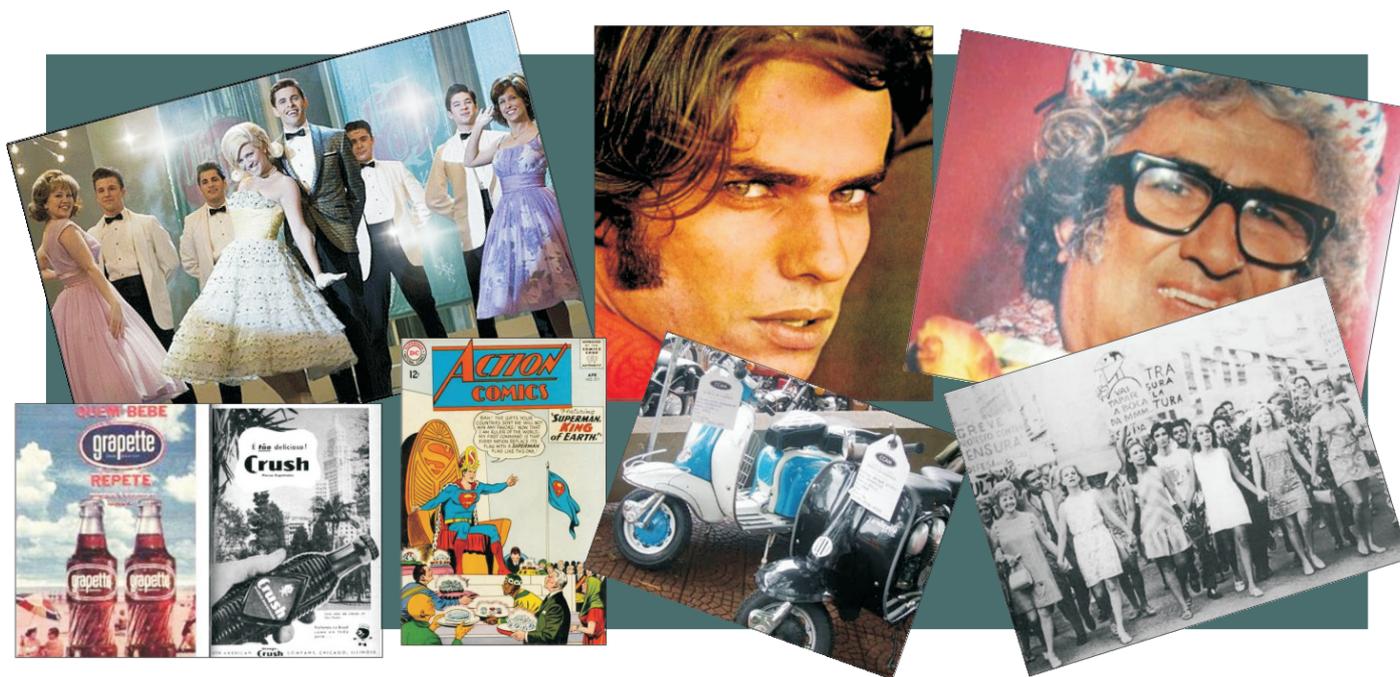
POUPEX Associação de Poupança e Empréstimo

O Justo propósito desta comemoração

Esta Revista, comemorativa do Jubileu de Ouro da Turma de Alunos da EPCAR de 1960, é o registro da trajetória de vida de jovens brasileiros que, um dia, foram unidos pelo ideal de voar, de servir à Pátria, e de conquistar um lugar na sociedade que pudesse dar sentido às suas vidas.

Tudo isso, estava embutido naquela competição intelectual que daria aos mais dedicados e preparados um lugar nos bancos escolares da Escola Preparatória de Cadetes do Ar. Esse lugar seria conquistado pelas vias democráticas de um Concurso Público, exigente de preparo físico, moral e intelectual.

Exercitar a cidadania, estudar, trabalhar, sonhar uma família e alargar os horizontes sociais, produzindo para a nação brasileira, eram as motivações de uma juventude que se iniciava nos anos sessenta. Período que ficou conhecido como "Os Anos Dourados" e que caracterizaram uma sociedade plena de transformações sociais, políticas e econômicas que se refletiam na moda, na música, na literatura e nas artes, exigindo uma atitude de abertura para a aceitação de novos conceitos.



Os princípios e valores iminentes a uma sociedade nova que se avizinhava, talvez pudessem chocar-se com a tradição de instituições como família, escola, pátria e outras tão conservadoras, entre elas, as Forças Armadas. O vanguardismo de época precisava ser dissecado por uma juventude que vinha sendo educada e instruída num ortodoxismo

inviolável que preconizava a higidez social. Essa força juvenil tinha a possibilidade de confrontar-se com a mentalidade heterodoxa, importada por grupos que estavam influenciados por uma visão consumista, utilitarista, que via na massa uma força de mercado para atender, simplesmente, ao lucro. De outro lado, correntes ideológicas confrontavam a nascente



de um capitalismo, provocando uma divisão de pensamento que derivava da II Guerra Mundial, cujos efeitos ainda se faziam sentir naquela década, distante apenas quinze anos do término do Grande Conflito.

Nesse caldeirão de transformações, estavam os jovens alunos da EPCAR, em 1960, buscando realizarem seus destinos. Uma longa lista de nomes que não se perderia no tempo nem nos propósitos de fortalecer os valores de uma nação.

Provindos das mais diversas classes sociais, de condições financeiras e econômicas heterogêneas, oriundos das inúmeras regiões brasileiras, esses jovens chegavam na EPCAR com hábitos familiares ainda não consolidados, em face da tenra idade. Entretanto, vinham todos de famílias dignas que, independente de suas posições sociais e econômicas, tinham uma história de lutas e de amor ao Brasil. Seus jovens se apresentaram, em março de 1960, na EPCAR, na cidade de Barbacena, no alto da Mantiqueira, para receberem uma identidade própria. Essa responsabilidade ficaria por conta da Aeronáutica Brasileira, secundada, naturalmente, pelo preparo que cada um daqueles jovens possuía como exigência básica para chegar naquele educandário militar. Assim, além do exame intelectual lhes eram exigidos um bom preparo físico, boa saúde e idoneidade moral, na época, atestada, no mínimo, por 2 (dois) oficiais das Forças Armadas, como critério para ser aceito no meio militar.

Lá eles receberiam suas matrículas, seus uniformes, suas instruções e iniciariam um programa de formação que, em essência, transbordaria ao longo de suas vidas. Não importava à Aeronáutica Militar o que pudesse acontecer com a chamada "percentagem de atrito", ou seja, ao grupo de jovens que não atingiria o oficialato. A Aeronáutica investia igualmente em todos, com o espírito de uma política educacional que se fortalecia no objetivo de formar cidadãos para o Brasil, tivessem eles chegado ao oficialato das Forças Armadas ou fossem desligados da atividade militar, pelas naturais imposições exigidas pelo currículo que deveria atender à missão precípua de formar profissionais voltados para a Defesa Nacional.

Por outro lado, aquelas antigas lideranças sabiam que todos estariam prestando seus serviços ao Brasil, mesmo na condição de cidadãos civis.

O tempo mostrou o acerto daquela política educacional, inspirada na filosofia de amor ao Brasil que era passada para aqueles jovens nos primeiros momentos de decisão de suas vidas. Hoje, eles comemoram cinquenta anos de identidade com a causa abraçada. Um tempo que sedimentou valores como amizade, fraternidade, além do reconhecimento de uma comunhão de ideais que não se apagou ao longo da vida, mas que apenas vestiu novas formas...

Por todas essas razões, eles hoje comemoram o JUBILEU DE OURO DA TURMA DE ALUNOS DA EPCAR 1960. Agregam-se nessa comemoração os companheiros que seguiram essa jornada de cinquenta anos iniciada na condição de estudantes militares ou, mais tarde, como profissionais, quando seriam, então, declarados aspirantes em 1965 e aqueles que seguiram inúmeros outros destinos profissionais. Entre um tempo e outro, muitas histórias tiveram outros movimentos... Elas estão narradas nessas páginas como registro que se deixa aos seus descendentes, além de servirem como referência para aquelas gerações de jovens que, cinquenta anos depois, buscam trilhar os mesmos caminhos. Uma espécie de elo imortal com o idealismo...

Essa revista é, pois, dedicada, não só a cada um dos que nela se inserem por direito e por justiça, mas também a todos aqueles que formaram a geração de brasileiros que, entre civis e militares, guardam uma relação, direta ou indireta, com o propósito daqueles jovens alunos da EPCAR de 1960. Sobretudo, os que com eles possuem uma ligação afetiva, de respeito e reconhecimento ao que eles conquistaram pela perseverança, pela fé, pela vontade e pela dedicada competência no sentido de construir suas vidas em sociedade.

Em síntese, numa linguagem mais ampla: esse é um momento histórico e como tal merece registro e vem emoldurado de emoções, de lembranças e de saudades...





Juniti Saito - Comandante da Aeronáutica





Luzes de março...

Quando tudo começou, éramos muito jovens. Cinco de março de 1960. A partir de então um novo destino moveria a vida de cada um de nós. As condições oferecidas, na vida militar, nos igualava a todos.

Os mesmos uniformes, a convivência nos mesmos alojamentos, a refeição comum, na amplitude do "rancho" – era assim que passaríamos a chamar aquilo que, na linguagem civil, conhecíamos como restaurante –, enfim todo um processo de maturação da cidadania, do compromisso com o ideal e do bem-servir-à-Pátria começava a tomar forma. Nos intramuros da EPCAR, estaríamos subordinados às mesmas instruções militares, ao mesmo sistema de avaliação acadêmica, aos mesmos princípios e valores, éticos e morais, preconizados pela doutrina da Força Aérea Brasileira. Tudo isso, sem perda da individualidade, da nossa identidade – cada qual tinha de zelar pelas suas próprias responsabilidades – e dos afetos que carregávamos em nossos corações.

Dentro do caldeirão cultural e de etnias que formam a nação brasileira, destacamos que havia quatro descendentes de imigrantes japoneses em nossa Turma. Todos integrados às tradições nacionais, respeitando os laços paternos... Entre todos aqueles jovens, movidos pelo ideal de voar e de servir ao seu povo, jurando o sacrifício da própria vida, apenas um seguiria a jornada até o mais alto posto de comando da Força Aérea Brasileira: Juniti Saito, Comandante da Aeronáutica!

Síntese e expressão dos nossos sentimentos; realização projetada de nossos ideais; orgulho de uma turma que "fez" um comandante; tudo, na mais absoluta serenidade humana, mérito e eficiência profissional, condição democrática de bem-servir-à-Pátria... O predestinado destino que se anunciava, naquele março de 1960, é agora consumado e realizado nas ações de comando de um menino que se fez grande na sua dedicação aos estudos, aos compromissos com a cultura brasileira, aos subordinados rigores da hierarquia e da disciplina.

Preparado para enfrentar desafios, ainda muito cedo, já se harmonizava com a seriedade do trabalho a que se dedicava, estudando, voando, aprendendo e ensinando. Uma trajetória de vida que passa por inúmeros desafios, vencidos, um a um, com a serenidade do homem que sabe ouvir e fazer.

As lembranças do menino Juniti chegam a uma pequena cidade do interior de São Paulo, o município de Arco-Irís, distante 542 quilômetros da capital. Hoje, com pouco mais de dois mil habitantes, no início da década de 1950, era apenas um distrito agrícola ligado à cidade de Tupã.

Para estudar, as crianças caminhavam pelas ruas silenciosas, cobertas de terra, daquele lugar até a única escola pública, o Grupo Escolar de Arco-Irís, onde Saito já se destacava pelo seu excelente desempenho escolar.

Naquele grupo escolar, lecionava a professora Ilka de Mello Bueno Masso, reconhecida como a profissional mais exigente e enérgica da escola. Conhecia, individualmente, cada um dos seus alunos e quando um deles faltava à aula, um único dia, ela procurava saber o que havia acontecido. Se o aluno se ausentasse, ela, pessoalmente, visitava a casa do aluno para conversar com os pais.

Em 1953, a professora Ilka estranhou a contínua ausência de um dos seus alunos de maior destaque. Um menino, de 10 anos de idade, chamado Juniti Saito.

Soube que, depois de formado no ensino primário, ajudaria o pai com os trabalhos no campo e não teria mais como frequentar as aulas no grupo. Ela tinha uma visão sensacional da importância da escola para a vida e, com seus argumentos, sabia conquistar a confiança dos pais das crianças. E foi o que aconteceu na conversa que teve com o senhor Toshiko e a senhora Iwataro que ficaram sensibilizados com os argumentos da professora e proporcionaram uma mudança significativa na trajetória de vida do menino Juniti. Isso fez toda a diferença. A decisão repercutiu muito positivamente. Juniti encantou-se pela possibilidade de vestir a farda da Aeronáutica. Soube do Sargento Tanaka, amigo da família, que para ser militar da FAB era preciso dedicação e muito estudo. Juniti entendeu a mensagem, estudou e passou no concurso para a EPCAR.



No ciclo evolutivo da vida, Juniti Saito soube cultivar os ritos da vida militar, do homem cidadão, do chefe de família com a sua natural vocação para a simplicidade, para a pertinácia e para a humildade.

Virtudes e qualidades que não lhe faltaram e que, desde a juventude, logo se manifestaram.

Ao assumir o Comando da Aeronáutica, seu discurso, diante de milhares de testemunhas, registrou o comprometimento com todas as ações que pudessem enfatizar o crescimento e o desenvolvimento nacionais. Isso, particularmente, no campo logístico e operacional da Força Aérea, além daqueles que estão imbricados com a política de Defesa Nacional, decorrente dos fundamentos que vivificam o Poder Aeroespacial. Entretanto, um ponto chama a atenção. Na leitura da sua "Ordem do Dia", Saito revela uma preocupação com os Recursos Humanos que lhe estariam subordinados.

Reflexo de sua formação humanística e das suas origens, lá naquele março de 1960, o Tenente-Brigadeiro do Ar Juniti Saito honrava, agora, a aliança com os homens e mulheres, civis e militares, que trabalham no anonimato e no silêncio do dia-a-dia da Aeronáutica Brasileira. Foi possível sentir a sua emoção, sempre sob vigilância, como convém à genética oriental, quando se referiu ao seu dever diante dos que conduzem mais alto a bandeira do Brasil.

Os programas de revitalização e de modernização dos equipamentos e das aeronaves da FAB são de inteiro conhecimento dos brasileiros pela mídia. As ações militares e de assistência cívica e social, demandadas pelas asas da Força Aérea, nos mais distantes pontos do país, são reconhecidas e aplaudidas por todos aqueles que já se beneficiaram de tais programas. A ação disciplinada e disciplinadora do Comandante da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro do Ar Juniti Saito, em momentos de adversidades, não traiu o seu compromisso profissional-militar. Todas essas informações são públicas e notórias; desnecessário comentá-las nestas páginas. O que aqui desejamos registrar é o sentimento, a emoção e a afetividade de um Saito que, não obstante as luzes do poder, ainda está entre nós com a sua simplicidade e humildade o que não empana sua autoridade; ao contrário lhe dá mais brilho.

Quando se refere à EPCAR, Saito é enfático: "O convívio com jovens de todos os rincões do País, de diferentes classes sociais e de diversas culturas, ampliou meus horizontes. Aprendi a admirar ainda mais este plural e, ao mesmo tempo, singular Brasil.

Aprendi a cultivar o sentimento de Pátria e a valorizar o sentido de integridade, tão importante para que uma Nação (sic) se torne grandiosa e respeitada no contexto mundial. Na ECPCAR, tronei-me, de fato, um cidadão brasileiro..." E prosseguindo em seus pensamentos sobre aquele certo dia de março: "... o culto ao Código de Honra dos Alunos registra bem o rol de valores que servirão de esteio para suas vidas. Os princípios da hierarquia e da disciplina, presença marcante na vida diária dos alunos, forjam seu caráter, proporcionam o necessário amadurecimento e o despertar do sentido de união e de respeito ao próximo, bases fundamentais para o convívio social. Ao longo de suas trajetórias, sejam quais forem os caminhos que trilharem, estes jovens serão capazes de enfrentar com coragem e preparo as mais diversas situações que a vida lhes oferecer e, certamente, sair-se-ão muito bem."

Ao expressar tais pensamentos, em entrevista feita pelos próprios alunos da EPCAR, durante as comemorações dos sessenta anos daquela Escola, em maio de 2009, Saito nos oferece uma visão da harmonia que existe entre as gerações. Lança, portanto, uma ponte, fundamentada na sólida tradição da aeronáutica brasileira, sobre aquilo que muitos filósofos chamam de "abismo entre os mais moços e os mais idosos".

Como se toda essa filosofia do pensamento que forja e norteia o caráter do homem e da instituição não bastasse, Saito provoca, ainda, uma reflexão sobre a seriedade do trabalho que se desenvolve na formação de nossos futuros oficiais e graduados, além dos jovens que são conscritos para o serviço obrigatório militar por força de dispositivos legais. Eis o que diz o Comandante da Aeronáutica: "... A sólida formação intelectual, comprovada pelo excepcional resultado obtido nos últimos ENEM, atesta o compromisso da Escola (sic) em preparar seus alunos não apenas para o ingresso na Academia da Força Aérea, mas, também, para o enfrentamento dos mais disputados vestibulares do País". E, numa felicidade ímpar, sem que houvesse a "intenção programada" de ressaltar seus companheiros da Turma Brasinha, particularmente, os que foram desligados e se lançaram em outras profissões do mundo civil, Saito é intuído a dizer aquilo que sua alma amalgamou como verdade irretocável e que se faz muito oportuno nesse instante de comemorações do nosso **Jubileu de Ouro**. Eis o que afirmou o nosso companheiro, a um só tempo

nosso Comandante e amigo, com as qualidades que um e outro têm em pleno equilíbrio: "Os encontros das turmas, realizados nas dependências desta Escola" – enfatiza a EPCAR – "demonstram que os jovens que por aqui passam tornam-se homens de elevado valor. Nestes eventos, além dos que seguiram a carreira na Força Aérea, encontramos empresários, artistas, profissionais liberais, servidores de alto escalão dos Três Poderes, todos com uma magnífica e vitoriosa história de vida". Seria profético, se não fosse uma constatação que o próprio tempo anuncia e demonstra. Basta ler as páginas que se seguirem, nas "Trajetórias de Vida", para verificarmos o quanto o nosso Saito tem razão. Sua clarividência está fundamentada na experiência afetiva que envolve sua alma, desde aquele março de 1960 até os dias de hoje. E isso nos orgulha, no sentido mais elevado da natureza humana, nos projeta como participantes de uma turma entrelaçados no caminhar de uma busca, sempre em evolução. Nesse sentido, os valores que se afirmam são o idealismo, princípio e base de uma união, a lealdade, que fortalece a relação franca e sincera entre pessoas, a confiança, indispensável a toda construção humana.

Tudo isso vem encimado pelo grande patrimônio que construímos ao longo da existência;

estamos nos referindo não aos bens materiais; esses podem ser contados, medidos e pesados. O grande patrimônio que se projeta em nossas vidas é consubstanciado em essência e tem uma expressão particular para cada coração. No caso do Saito, além da nossa amizade, do nosso respeito e do nosso carinho, há toda uma construção que lhe é própria e íntima: sua família! Ao lado da mulher eleita para acompanhá-lo, durante a vida, Vera Saito, enfrentando as naturais adversidades e alegrando-se nos momentos de júbilo, eles se doaram e se prometeram, diante do altar, celebrando o amor que gerou os filhos e netos. Eis aí o patrimônio inalienável que, sabemos, o Saito valoriza pelo tanto que há de brilho em suas conquistas familiares.

Março de 1960! De lá até os dias de hoje, Saito nos deixa uma lição que, não obstante nossa idade provecta, ainda nos faz olhar para o futuro luminoso de nossas próprias vidas. Essa lição está inscrita na alma de cada um de nós, tratada, particularmente, pela percepção de cada um, mas com uma revelação indefectível e inalienável que diz respeito à sua atitude, ao seu comportamento e às suas ações... Naquele certo dia de março, Saito já demonstrava uma virtude que sempre foi o farol de sua vida: a humildade, da qual resplandece toda a sua grandeza!



Da esq. p/ dir.: Steve, Jessica, Adriana, João Henrique e Juliana



Da esq. p/ dir.: Jessica, Adriana e Tiago



Saito e Vera



Saito e Vera com os netos: Sarah (esq.) e Erik



Ayana



Carlos Gustavo e Taciana

Uma vida dedicada ao ideal...

É assim que podemos espelhar a imagem do Tenente-Brigadeiro do Ar Paulo Roberto Borges Bastos, diante da trajetória de sua existência.

Ainda muito cedo, já anunciava sua vocação para uma liderança que tinha como principais virtudes a generosidade, a tolerância e a compreensão para as imperfeições humanas. Ainda hoje, sua formação humanística prevalece em seu cotidiano, dedicando-se a iluminar a consciência dos jovens, necessitados de oportunidades, exortando os princípios e valores ligados à cidadania e à boa convivência entre os homens. É um dedicado trabalho em favor do conhecimento e da produção intelectual que o coloca entre os mais destacados de nossa turma. Entretanto, essa sua espontânea vocação humana não deforma os conteúdos da sua autoridade, do seu senso de justiça e das suas qualidades de militar disciplinado, ordenado a cumprir suas missões. Seu coração e sua consciência estão plenamente integrados para frutificar uma vida pródiga de elevados ideais.

Assim é o nosso Bastos, que, por isso mesmo, chegou ao Alto-Comando da Aeronáutica, compartilhando de inúmeras decisões ao lado do nosso companheiro, Comandante da Aeronáutica, Juniti Saito, no cumprimento de seu dever castrense, sempre colocando o toque de sua alma serena, cordial e sensível, temperada pelo seu caráter irretocável e firme, na condução dos destinos da nossa Aeronáutica.

Seria dispensável, nestas páginas, alongar as missões, os cargos, as funções, os vôos, os comandos, enfim uma série de dados curriculares, certamente importantes, que muitos de nós estamos acostumados a valorizar. Valorizamos tais itens pela sua substância funcional e profissional. Na verdade, eles fazem parte do cotidiano de nossas atividades. Porém, o que nos distingue é a aplicação que damos às nossas experiências e que transcende o simples labor pela sobrevivência. Aí também se incluem os colegas de turma que migraram para a vida civil e que deram indizíveis contribuições ao progresso nacional, com seus talentos e especializações, movidos pelos seus ideais.



O que na verdade, desejamos consubstanciar nesta página de homenagem ao nosso querido Tenente-Brigadeiro Paulo Roberto Borges Bastos, é algo que vai além do seu título e enfatiza a honra, o orgulho e a admiração que todos temos por ele, além da alegria de compartilhar da sua amizade. Queremos, sim, registrar o prazer da convivência com alguém tão especial, carismático e digno do nosso respeito. Isso nos remete à lembranças de seu espontâneo amalgamento em nossa coletividade, resgatando o aforismo de Antoine de Saint-Exupéry de que o "essencial é

invisível aos olhos". Nele há toda uma essencialidade natural que justifica suas ações e atitudes, quer seja como amigo ou como ilustre chefe militar. Assim, o Bastos conquistou o mais nobre de todos os títulos em sua carreira, quando recebeu sua matrícula, na velha Barbacena, para ser reconhecido entre seus pares na EPCAR: *aluno 61-322, Bastos...*

Essa é a síntese que toca de forma indelével o nosso coração. Uma trajetória de vida, iluminada e digna, como legado indiscutível que lhe dá o mérito de uma existência dedicada ao ideal. As virtudes de um homem não têm uma especificidade ponderável, mas influenciam e magnetizam todos aqueles que estão à sua volta. Além dos amigos, há todo um patrimônio que se alicerça na afetividade, entre eles, a família que o Paulo Roberto Borges Bastos, soube construir e conquistar, enfrentando as procelas da vida ou desfrutando, com sensibilidade, dos ventos favoráveis que o levariam a um porto seguro. Esse é o Bastos a quem desejamos homenagear; esse é o Bastos que nos cativa e nos envolve com seu carisma; esse é o Bastos, amigo, inesquecível que, entre tantos ensinamentos que amealhou e distribuiu, ao longo de sua existência, em particular, nos deixou um, certamente, bastante significativo: o da sua simplicidade, fonte pródiga e inegostável de toda a sua autoridade moral e espiritual.



Mensagem Jubileu de Ouro da Turma do Brasinha

Ao longo dos milênios a história demonstra um contínuo processo evolutivo a que a humanidade vem se submetendo, numa trajetória de adversidades, de conflitos e de guerras que fazem contraponto com o desejo de progresso e de felicidade que envolve o homem como indivíduo e como pessoa.

O tempo, portanto, é um agente que conspira com as aspirações do homem, enquanto parte ativa e consciente da natureza, buscando, pela harmonia dos contrastes, alavancar as forças do desenvolvimento moral, intelectual e espiritual do homem, para que ele possa, dia a dia, encontrar o significado da existência.

Entretanto, a revelação desse arcano só é possível quando o indivíduo aceita o seu amalgamento na massa para que possa crescer como um ser filosófico, político e social.

Esses conceitos se aplicam a este momento tão significativo de comemorações do cinquentenário da nossa turma, a mesma que se forjou no ano de 1960, sob a egrégora militar da ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DO AR.

Buscávamos, na alvorada de nossas existências, um ideal, um motivo para sobreviver, uma realização ainda incerta, pela incapacidade de enxergar a contemporaneidade, de depurar muito dos elementos que envolvem esta ou aquela decisão, conquistas, pequenas e sutis, que vamos amalhando ao longo do tempo. Muita coisa se descortina com o passar dos ponteiros do relógio que, na sua dissimulada de vagariedade, enganadora e mágica, passa como se fosse um instante contido numa eternidade sonhada...

Esse tempo, que hoje registra meio centenário, como verdadeiro senhor da sabedoria, permite a cada um de nós realizar um reencontro com as nossas mais recônditas emoções, iluminando os valores que cultuamos,

no conjunto harmônico de nossos ideais, para compor a sinfonia da vida que hoje é apresentada diante da platéia que somos nós mesmos.

Vivificamos na amizade e na identidade de propósitos o conhecimento sobre nossas potencialidades, virtudes e imperfeições que deviam ser trabalhadas a partir da nossa própria interioridade, recriando as oportunidades que se apresentam em nossas vidas... Nessa comunhão de ideais alicerçava-se um destino comum cujo ideário era a felicidade.

Trilhamos um caminho que, muitas vezes, distinto na forma, foi pincelado dos mesmos conteúdos. Cada um de nós encontrou o seu destino pelas vias dos mesmos ensinamentos, culto aos mesmos valores e princípios, tudo forjado nesse santuário do saber, emoldurado pela paisagem bucólica e romântica da Serra da Mantiqueira. Aqui, nas alterosa, sonhamos crescer e viver no serviço à Pátria, fortalecendo o bem comum fundamentado nos princípios da cidadania e da responsabilização social com a qual ficávamos comprometidos a partir do nosso juramento.

Estamos de volta! Conosco vêm todas as lembranças e aquelas que ficaram no tempo.

Lembranças que agora se reacende, trazendo as imagens das jornadas de estudos e de trabalho, de compromisso com o ideal que fortaleceu essa união indissolúvel ao longo de cinquenta anos. Essa é a Turma de 1960! Feita de um mesmo estofa cósmico que entrelaçou, entre os seus integrantes, "aqueles que chegaram um pouco antes, aqui na velha Barbacena, alunos que se matricularam em 1959, mas que, no ano seguinte, se incorporariam entre seus novos companheiros; os que vieram depois, chegando, posteriormente, em 1961, igualando-se nas mesmas séries, para cursarem os mesmos



bancos escolares, se forjarem nas mesmas instruções militares, contemplarem os mesmos sonhos de voar... E os que se uniram a nós, no Campo dos Afonsos, em 1963!”

Toda história tem tempo e lugar definidos, criando e recriando fatos redimensionados pela ação de seus protagonistas. No caso de nossa turma, a Turma Brasinha, essa história está plena de emoção da alegria e do indelével sentimento de gratidão à vida!

Nesse sentido, registramos em nossa passagem por estes **cinquenta anos** de solidária amizade, de perene gratidão, de inestimáveis lembranças e de silenciosas homenagens que se aninham em nossos corações, os nomes de nossos Mestres, cujas imagens sobre o tablado, diante da lousa marcada de giz, ainda desfilam em nossas memórias; os nomes daqueles que nos ensinaram a marchar e, nas salas de aula e nos pátios da instrução militar, disseminaram em nosso espírito, atento ao serviço da pátria, os princípios e valores doutrinários que se assentaram na base indissolúvel da hierarquia e da disciplina, pilares da carreira que havíamos escolhido e que, diante da bandeira nacional, juramos defender; os nomes daqueles que compartilharam conosco de todas essas alegrias, mas que tiveram de deixar o nosso convívio, porque suas almas alçaram vôo à liberdade do infinito para uma dimensão, plena de luz, de onde emanam suas presenças entre nós, porque as coisas ligadas ao coração ficam impregnadas em nosso espírito para sempre... Por isso, e por tantas outras coisas, essa comemoração de hoje se reveste do mais puro sentimento de amor, cuja marca inapagável

permanece viva, sem que seja possível ao tempo ou à distância, minimizar sua intensidade. Ao contrário, é justamente nos tempos do agora, neste momento de confraternização, que esse sentimento se faz, cada vez mais, presente, maduro e consistente. Um dia, passará o céu e a terra, mas o que é essencial e profundo, verdadeiro e imanente à natureza divina do homem, ficará. Por essa razão, nossa turma registra, nesta mensagem, a substância de que é feita o seu estofamento cósmico:

- Acreditar nas nobres conquistas do espírito e no ideal que move o sonho e a vontade...
- Compartilhar da alegria e do sacrifício, dando à existência significado e razão para viver...
- Cultivar as virtudes da crença interna, fortalecendo a fé e a esperança nas realizações da vida, como afirmação e testemunho de princípios e valores perenes...

Eis aí toda uma trajetória, pontilhada de luz e de exemplos, trilhada ao longo destes **cinquenta anos** pelos jovens que, diante de suas consciências, juraram servir à Força Aérea e ao Brasil com dedicação, fidelidade, lealdade e amor...

Esse tempo agregou ainda as belezas inefáveis de nossas famílias, cada qual com seus variados destinos e apropriada missão, mas todas com um ponto em comum, indubitavelmente: foram e são partes integrantes desta história que esses **cinquenta anos** podem contar...

Por tudo isso, a nossa gratidão, como se fora um grito de guerra na batalha ou uma prece, diante do altar da vida e de Deus.



“Sob a direção de um forte general, não haverá jamais soldados fracos.”
Sócrates





A GÊNESE DA NOSSA TURMA



"Arribamos nesta casa com a imagem do avião; ao sair tínhamos asas na mente e no coração", eu mesmo falei um dia. Hoje eu me repito, com mais convicção e fervor, ao me introduzir aqui neste espaço. Aliás, que se reconheça e se renda aplausos a quem teve esta idéia, verdadeiramente feliz, uma idéia de macho, uma idéia de Machão. Aqui nos comunicaremos e deixaremos traços de cinqüenta anos de história de uma turma, de um grupo de pessoas que se encontrou um dia e aconteceu se unirem pelos laços nobres da amizade.

Argenor FERNANDES

Hoje o meu tema é turma. Turma é um termo comum e um conceito de fácil entendimento. Aqui eu gostaria de olhar o fenômeno da Turma, de uma perspectiva diferente, tentando enxergar detalhes e efeitos que ultrapassam o sentido ordinário dessa palavra. Assim, vou me valer do processo de moldagem de uma peça de concreto, em que o cimento tem a função de ligar os agregados, após passado um período de cura, como analogia e fonte de inspiração.

Vamos a um pouco de recordação.

Focalizemos o momento em que tudo começou. Digamos assim: Era uma vez cada um de nós, vivendo com os pais, no seio da família, espalhados por cidades diversas deste nosso país. No geral, éramos naturalmente dependentes e tínhamos pouca idade para fazer a escolha de uma profissão. Porém, por razões diversas, como necessidade, influência de outras pessoas, por idealismo ou distração, cada um resolveu concorrer a uma vaga na EPCAR. Chegou o dia do exame, veio o resultado. Fomos aprovados, para orgulho do papai e preocupação da mamãe. Diz o folclore que

as mães recomendavam aos filhos, futuros aviadores, que voassem bem baixinho para não se machucar. Duvido que alguma mãe tenha feito tal recomendação. Sei muito bem, porém, que é próprio de mãe enfrentar até o absurdo para proteger o filhote. Voltemos à história.



Já era iminente o adeus ao lar paterno. Próxima barreira, o temível ISCAER. "Apto para o fim a que se destina". Vencemos mais uma vez. A EPCAR era quase realidade. Em seguida, a documentação, a concentração final e o embarque na Central do Brasil, rumo ao novo lar. Enfim, a chegada, naquela fria manhã de março de 1960. Muita expectativa, muita curiosidade, muita emoção. Já éramos a bicharada se apresentando.

Na seqüência, fomos numerados, fomos matriculados, fomos fardados, fomos divididos em subgrupos para formar as classes para as aulas e instrução militar. Foi integrado aos recém chegados



um pequeno grupo da turma anterior, que repetiriam o primeiro ano. O conjunto resultante constituiria uma Esquadrilha, nome da época. No ano seguinte, o contingente da Esquadrilha seria ampliado com os *pára-quedistas* e mais alguns repetentes do terceiro ano.

Éramos, então, um grupo de alunos novos, um grupo de desconhecidos, uma lista de nomes. Estávamos prontos para a partida. Tinha início um processo de preparação para o futuro, para a carreira profissional de aviação, para a vida. Estava ocorrendo, nesse momento, a concepção da nossa Turma.

Inicia-se, então a vida normal e rotineira da Escola, num processo de conhecimento dos colegas, de descobertas de afinidades, de entrosamento, de convivência, enfim. Brincadeiras, gestos de solidariedade, confidências, vida social, licenciamentos, aulas, instrução militar, educação física, estudo, muito estudo. Afinal, a nossa obrigação, o nosso interesse e o nosso lema era estudar. A vida em comum, cada vez mais, nos impulsionava para uma forte união. Cada vez mais, o espírito de grupo se intensificava. A Turma ganhava coesão e personalidade. Quero me referir a este processo como o tempo de gestação da Turma.

Três anos se passaram. Aproxima-se o momento de uma drástica transição. Vamos deixar de ser alunos da EPCAR. Sofreremos uma dispersão. Haverá despedida. Deixaremos esta casa, nosso

alojamento, o rancho, a praça de esportes, a cidade e tudo mais que faz parte do nosso dia-a-dia...

Parte do grande grupo segue para os Afonsos, outra parte segue para outro tipo de vida, em outros lugares, de volta a vida civil. Porém, nesse dia, o último dia de BQ, ocorre um fenômeno sutil de imensa importância para todos nós, acontece um especial nascimento. Quero me referir a esse momento como o dia do verdadeiro nascimento de um ser, de uma entidade, que gosto de chamar de Senhora, a Senhora Turma de 60.

Agora vou me permitir um vôo de imaginação, um sonho, uma fantasia, um devaneio. Vejo a nossa Turma, nesse dia, personificada num gênio carinhoso e amigo, a Deusa talvez do amor fraterno, nos dirigindo a palavra, num ar grave e terno: segue, meu amigo, o destino da tua vida, mas saibas que, a despeito do que aconteça contigo, a despeito de onde estiveres, permanecerei contigo, plenamente viva, porque fostes também tu que ajudastes a engendrar a minha vida, com a tua sensibilidade humana, e a minha marca está gravada, indelevelmente, no teu coração, para sempre. Se um dia a voz da saudade se fizer ouvir, volta aqui, vem rever tua casa paterna, vem ser jovem de novo, vem rever teus amigos e abraçar teus irmãos.

Sê feliz, tu que pertences a esta Turma, a Turma de 60 da EPCAR.





HISTÓRIA DE BARBACENA

Barbacena, um cantinho do Brasil...

A cidade que mereceu canção, composta por um aluno da turma de 1960 na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), tem inúmeras tradições, uma história rica, além de estar intimamente ligada ao que a Força Aérea Brasileira tem de mais notável: a formação de seus futuros oficiais!

Nascente do Poder Aéreo, a EPCAR, passou por inúmeras fases históricas até ganhar, definitivamente, o seu manifesto destino de preparar “para o futuro os jovens do Brasil”, conforme um dos versos, cantados diariamente pelos seus alunos, durante as formaturas militares...

A história da EPCAR tem profundas raízes ligadas à educação. Em 1874, funcionou, no imponente prédio, o COLÉGIO DA PROVIDÊNCIA, iniciativa dos sacerdotes João Ferreira de Castro

e Marcelino José Ferreira. Essa instituição educacional funcionou até o ano de 1882. Depois desse breve período, passou a abrigar a filial do COLÉGIO ABÍLIO, cujo nome era uma homenagem ao Barão de Macaúbas – Abílio César Borges – que, dedicado a questões educacionais, instalou naquela sede um educandário destinado ao ensino médio. Logo em seguida, o COLÉGIO DA PROVIDÊNCIA voltava a utilizar as antigas instalações, agora sob a responsabilidade da Sociedade Educadora Mineira. Essa sociedade havia sido criada por uma natural vocação dos cidadãos barbacenenses para a educação e para a cultura. Em 1980, a sociedade fez a doação do prédio e do terreno para o Estado de Minas Gerais, instalando-se, então, naquele sítio o GYMNASIO MINEIRO DE BARBACENA. Com a doação da propriedade feita pelo Estado de Minas Gerais para a União Federal, em 1912, por ordem do Presidente Marechal Hermes da Fonseca, instalou-se, em Barbacena, naquelas dependências, o Colégio Militar, cujas atividades



se iniciaram em 1913, permanecendo até o ano de 1926, quando, então, volta a funcionar o Ginásio Mineiro. Em 1943, a entidade passa a chamar-se Colégio Estadual de Barbacena, último reduto de uma história vocacionada para a educação que culminaria, em 1949, abrigando o CURSO PREPARATÓRIO DE CADETES DO AR... De lá para cá, nesses últimos sessenta anos, dos quais cinquenta estão, intimamente, ligados à Turma que lá chegou, em 1960, o antigo

casarão, ostenta o título de ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DO AR.

A trajetória educacional dessa instituição se firmaria diante de uma sociedade tradicional, ordeira e construtora dos mais significativos episódios de nossa história. A cidade de Barbacena acrescentaria à sua história e tradições o inalienável troféu de contribuir para o destino futuro da Força Aérea Brasileira.

A Cidade

A vida da EPCAR se mistura, harmoniosamente, com a da cidade mineira... Barbacena se estende no alto da Mantiqueira, sob a fronde das árvores centenárias que dançam ao sabor da brisa fria que sopra entre os montes entrelaçados com o "céu cor do anil", matizado pela fragrância das rosas... Um cenário repleto de poesia e de uma inefável sensação de paz, que parece contemplar a história silenciosa e anônima dos homens... Algo que só é possível sentir no imaginário...

Com seus vários apelos poéticos, Barbacena pode ser chamada de "Cidade das Rosas", "Princesa dos Campos", "Atenas Mineira". Nela, tudo se transborda numa silenciosa e nostálgica sensação de um tempo sem dimensão que se projeta na eternidade...

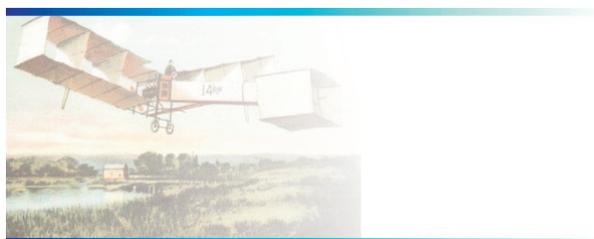
É como se em cada noite estrelada, dando a impressão de que basta um pequeno salto do ponto mais alto da montanha para agarrar uma das estrelas com as mãos, os murmúrios do passado se confundissem com o vento frio que sopra entrelaçado com as paredes dos prédios coloniais, espalhados pelas ruas da pequena-grande cidade mineira, trazendo as vozes da história para serem

ouvidas, nos dias de hoje, como narrativas ao pé da lareira...

"Erguida pelos nossos bandeirantes", a acolhedora cidade de Barbacena alargava-se na Borda do Campo de Minas Gerais e crescia, desde os índios Puris, da grande nação Tupy, que ali chegaram, fundando seus aldeamentos, escapando às perseguições dos desbravadores, até o instante em que viria elevar-se à categoria de Vila, em 14 de agosto de 1791.

Esse percurso histórico remonta aos idos de 1689, quando os bandeirantes, procedentes do interior de São Paulo, abriam caminhos pelas regiões inóspitas da época, para se fixarem na Serra da Mantiqueira. Ali, eles se dedicavam à mineração, à lavoura e à criação de gado.

Nessa trajetória evolutiva, índios, brancos e negros formavam os grupos que começaram a abrir os novos caminhos no alto da Mantiqueira. Uma história de lutas e de conquistas marcaria o nascimento da "Mui Nobre e Leal Vila", perpetuando-se numa inolvidável condição de participante da história nacional.



*"O homem pode tanto quanto sabe."
Francis Bacon*





“Mui Nobre e Leal Vila”

Em 14 de agosto de 1791, foi criada a Vila de Barbacena e erigido o respectivo pelourinho e Câmara pelo Visconde de Barbacena, D. Luís Antônio Furtado de Mendonça, então governador e capitão-general da capitania, que deu à vila o seu próprio nome.

A vila teve como sede o antigo Arraial da Igreja Nova de Campolide, compreendendo, ainda, os territórios dos arraiais e freguesias de Nossa Senhora da Conceição do Engenho do Matto e de Nossa Senhora da Glória do Simão Pereira. Foi desmembrada dos territórios

das Vilas de “Sam João de El Rey” e de “Sam Joze de El Rey”, confrontando com as vilas de Mariana, Queluz (atual Conselheiro Lafaiete), “Sam João de El Rey” e “Sam Joze de El Rey” (atual cidade de Tiradentes).

Barbacena, por meio de sua Câmara, foi a primeira vila de Minas Gerais a enviar representação a D. Pedro I, então regente, em favor do “Fico” (9 de janeiro de 1822), em 11 de fevereiro de 1822, dirigiu-se a Câmara de Barbacena ao príncipe regente numa representação em que se propunha para ser a



sede da Monarquia portuguesa e se ofereciam os barbacenenses para descer "em massa" ao Rio de Janeiro para tomar armas em defesa do Príncipe. Estes atos lhe valeram o título de "*muito nobre e leal vila*", conferido por decreto, de 24 de fevereiro de 1823 e Alvará de 17 de março do mesmo ano.

Esse exemplo de bravura e de brasilidade que contagiou os cidadãos barbacenenses no início do século XIX está ligado às suas origens étnicas. Umamistura de índios, brancos e negros que reagiram, ao longo do tempo, resultando na mineirice, hospitaleira, ardorosos na fé e na tradição, gigantes na luta pela justiça e pelo bem. Essa característica da gente mineira estava temperada pela sua inclinação política o que fez de Barbacena, desde as suas origens na Borda do Campo, um

centro de manifestações e de correntes ideológicas que remontam ao Império. Um dos fatores geopolíticos que influenciou nesse importante segmento da formação política brasileira, ligado à prosperidade histórica do lugar, está a posição comercial de que desfrutava. A influência religiosa, também, contribuiu para esse desenvolvimento.

Em 1725, surge a freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo. Sua sede provisória, a Capela da Borda do Campo, posteriormente, foi transferida para a Igreja Nova, Matriz de Barbacena, quando, em 27 de novembro de 1748, realizou-se a primeira missa, ainda antes do término das obras da igreja. Esse local reservado ao culto da fé reunia condições naturais, e de importância, para o progresso local. Assim, aos poucos, em torno



Matriz N. S. da Piedade - Rica arquitetura em Barroco



*"O pensamento é a presença do infinito na mente humana."
Emilio Castelar*



da Matriz o antigo arraial da Igreja Nova começava a prosperar. Sua localização atraía um ótima posição comercial pois ficava no entroncamento do Caminho Velho e do Caminho Novo, ligando as Minas Gerais às regiões de Goiás e de Mato Grosso ao Rio de Janeiro.

Em 16 de janeiro de 1752, foi criado o Arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo que, em 14 de agosto de 1791, é elevada à categoria de Vila, com o nome de Barbacena.

A cidade que hoje abriga centenas de jovens na EPCAR, fonte do Poder Aéreo Brasileiro, continua, assim, mantendo sua histórica tradição de trabalhar em favor do Brasil.

E nós, que lá chegamos, em 1960, com o sonho de voar para servir à nossa Pátria, fazemos parte inalienável dessa história... Barbacena – geração dos anos sessenta.

Grande parte da nossa turma desembarcou do velho trem de madeira na Estação Ferroviária de Barbacena. Tradicionalmente, muitas turmas fizeram o seu primeiro desfile, ainda tímido e sem qualquer noção da instrução militar, diante daquela praça, bucólica, típica do interior brasileiro, guardando em sua ambiência a hospitalidade mineira. Foi assim na chegada dos alunos, em 1949, quando a EPCAR abrigou a sua primeira turma; nos anos seguintes, o ritual se processava.

Ainda tímidos, sem conhecer o que a cidade pudesse oferecer a uma juventude sequiosa de tantas emoções, os primeiros contatos das turmas eram sempre com a estação ferroviária. Por isso mesmo, as imensas composições que passa por ali, até hoje, escoando a produção mineral daquele próspero estado da federação exerciam, e ainda exercem, um fascínio sobre a população de alunos da EPCAR. Um misto de nostalgia, como se a Escola, ali naquele “pontinho do Brasil” se ligasse às mais longas distâncias por meio daqueles trilhos.

A Praça da Estação, portanto, figura entre os lugares históricos da cidade com uma ligação

inalienável à história de cada turma da EPCAR que por ali passou. Em particular, a turma de 1960, recebeu a impregnação mágica e sutil daquele cenário por onde, no passado, tantas gerações haviam lutado pela consolidação do território nacional.

Aqueles trilhos balizaram a caminhada de muitas turmas, desde o embarque no Rio de Janeiro até a Estação Ferroviária de Barbacena.



Assim, cada turma que ali chegava, percorria uma história que se ligaria à história de cada indivíduo que aspirava, um dia, ser oficial da Força Aérea.

Apenas para dar uma idéia da importância desse marco barbacenense, vale a pena registrar um pouco do que se passou com a construção da ferrovia.

O Engenheiro Henrique Dumont, pai de Santos Dumont, foi o empreiteiro do trecho João Ayres Sandanha-Barbacena. A estação ferroviária original foi inaugurada em 27 de junho de 1880, sob a administração do Eng. Herculano Veloso Ferreira Pena; posteriormente, foi demolida e, em 15 de novembro de 1931, inaugurada





a atual estação que teve sua construção a cargo da firma Dolabela, Portela & Cia. De Barbacena saía, desde 1910, um dos entroncamentos da linha do Paraopeba, da antiga E. F. Oeste de Minas, que até 1931, embora possuísse sua própria estação, a partir dessa data passou a dividir suas atividades com a nova estação da Central, dando à Estação Ferroviária de Barbacena, uma singular importância. Esse ramal tinha a bitola de 0,76 m e parte dele encontra-se em operação até hoje, entre Tiradentes e São João Del Rey, para fins turísticos. Desde 1991, com a desativação do lendário VERA CRUZ, as composições de aço, tracionadas por locomotivas a diesel, os trens de passageiros não passam por Barbacena.

Os recantos mágicos da cidade, na década de sessenta, se resumiam a alguns marcos

arquitetônicos e a algumas praças que despertavam o glamour dos anos dourados.

A rua XV de Novembro era movimentada pelos pedestres e pelos poucos automóveis que eram produzidos pela recente indústria automobilística brasileira. O comércio para atender à juventude da época estava concentrado na rua XV de Novembro, que desembocava na Praça dos Andradas, onde árvores nativas se harmonizavam com a arquitetura da época. No centro, um coreto em torno do qual as moças da sociedade local passeavam, de braços dados, conversando em cochichos e cortejadas pelos rapazes que se colocavam em círculo ao longo da praça, apreciando aquele desfile natural e prosaico. Ao fundo, como se abraçasse todo o cenário a Matriz Santuário Nossa Senhora da Piedade.



O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel.
Platão





A entrada da cidade é marcada pelo Viaduto D. Pedro II, com linhas arquitetônicas que lembra a colonização portuguesa no Brasil. Arcos mouros sustentam a linha férrea que passa sobre o conjunto ao tempo que dá as boas vindas a quem chega pela rodovia, dando entrada pela cidade.

Esses lugares marcam as lembranças de muitos jovens que passaram pela EPCAR que, em si mesma, já representa um dos monumentos arquitetônicos da cidade.

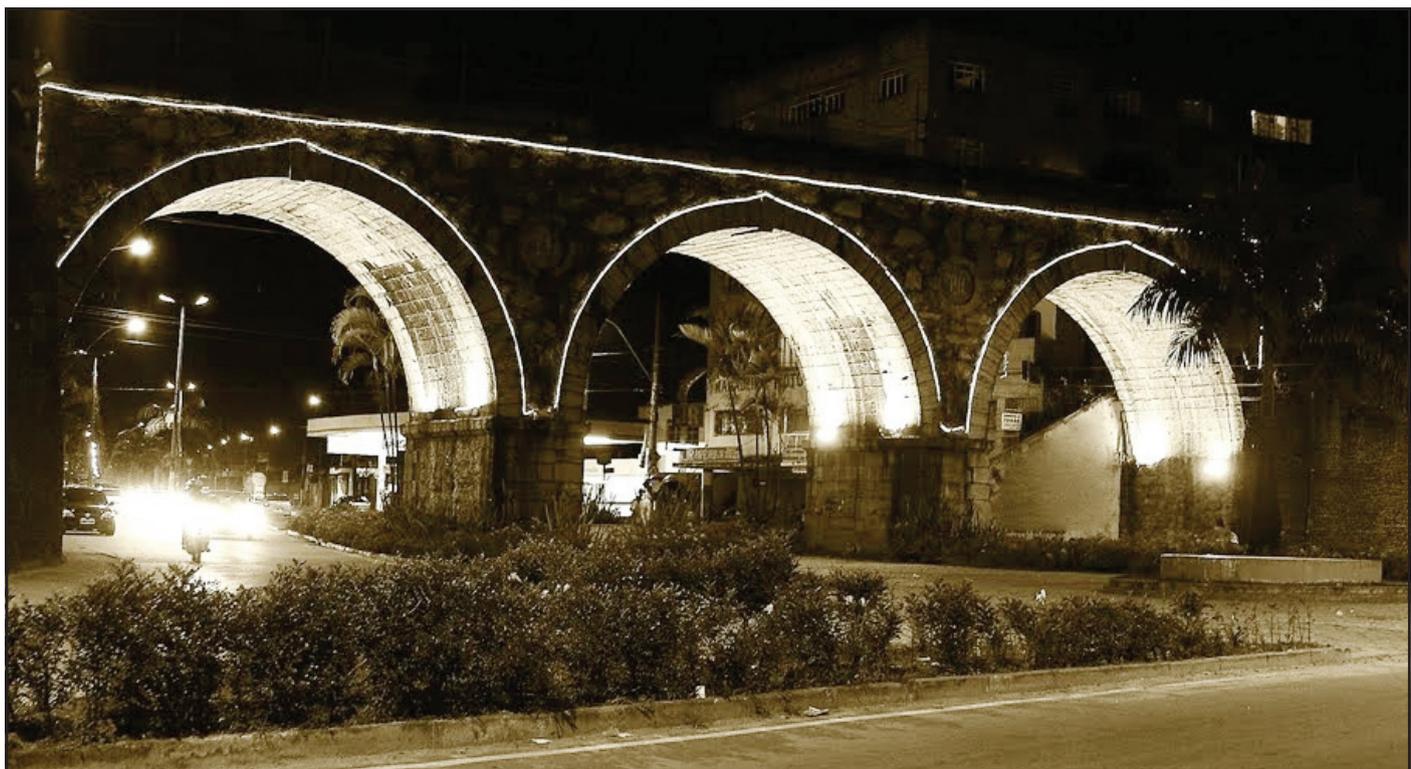
Entre os muitos lugares que os jovens alunos freqüentavam, particularmente nos fins de semana, estava o cinema, localizado, nos anos sessenta, próximo à Praça dos Andradas.

Outro ponto bastante procurado, naquela época, era a única pizzaria da cidade – o Gino – um imigrante italiano que tem sua história de vida e a de seu negócio misturados, indissolúvelmente, às turmas dos anos sessenta quando, então, montara, recentemente, a sua pizzaria.

Dessa forma, as pessoas, os monumentos, a sociedade barbacenense com todos os seus elementos, formam uma sinergia indefectível com as turmas da EPCAR, em particular, a Turma de 1960 que ali viveu muito das suas emoções, participando com intensidade na formação histórica da cidade.



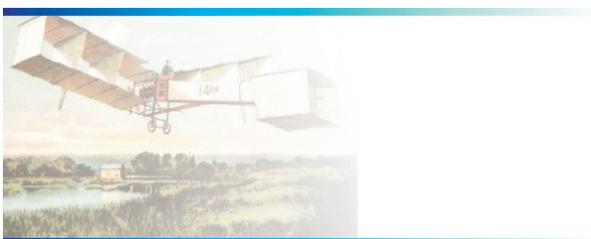
A hospitaleira cidade de Barbacena, com seu cenário da década dos anos 60, ainda presente em nossas memórias.





ESCOLA DE AERONÁUTICA CAMPO DOS AFONSOS

Hoje, caminhar pelo campus da Universidade da Força Aérea (UNIFA), entre ruas e avenidas limpas, alamedas impecavelmente cuidadas e prédios de arquiteturas diferenciadas, nos remete a um passado de história e de tradições que estão indissolivelmente ligadas à História da Força Aérea.



*Se queres prever o futuro, estuda o passado.
Confúcio*





O lendário Campo dos Afonsos, na Zona Norte do Rio de Janeiro, abrigou de 1941 até 1971 a Escola de Aeronáutica, o "Ninho das Águias", quando foi transferida, definitivamente, para Pirassununga sob a denominação de Academia da Força Aérea. A história do Campo dos Afonsos remonta a 1911, ano de inauguração, nesse mesmo local, do primeiro aero clube brasileiro.

O monumento "A Queda de Ícaro", doado pela República do Chile à Aeronáutica Brasileira e colocado em frente ao portão principal da UNIFA, inspira a idéia do ambiente mítico que envolve o "campus", trazendo ecos do passado quando ali funcionava a Escola de Aeronáutica. A escultura, de mais de três metros de altura, ajuda a povoar o imaginário dos homens, que sempre buscaram incessantemente desafiar a natureza e voar...

A obra traduz a passagem da mitologia grega em que Dédalo embala nos braços o filho Ícaro, morto ao perder suas asas. Um dos

homens mais criativos e habilidosos de Atenas, Dédalo projetou as asas e alertou seu filho sobre o risco de voar próximo ao Sol. Ícaro não o ouviu, a cera de suas asas derreteu e ele caiu no mar Egeu.

Assim como o Vôo de Ícaro, o mito que povoa a Escola de Aeronáutica era repleto de magia e de fascínio. Desde a "Galeria do Cadete Imortal", ainda hoje, registrando o sonho heróico dos que imolaram suas vidas pela aviação, nominando aqueles que tiveram suas asas abatidas nos céus daquele templo da aviação, até o Pórtico do Corpo de Cadetes, tudo ali inspira o olhar para os céus. Esse pórtico encimado pelos dizeres perenes "Corpo de Cadetes", teve essa inscrição recentemente restaurada pelo atual comandante do Centro de Instrução Especializada da Aeronáutica, uma das Organizações de Ensino subordinada à UNIFA, que herdou, parte de suas instalações, da antiga Escola da Aeronáutica.

A tradição de ter sido o berço dos





estabelecimentos de ensino dos aviadores brasileiros, iniciando-se pela Escola Brasileira de Aviação (1914), posteriormente pela Escola de Aviação Militar (1918) e, finalmente, pela Escola de Aeronáutica, em 1941, proporcionado àquele campo as legendas de "Berço da Aviação" e "Ninho das Águias", não se extinguiu com a transferência de parte do seu acervo, como as esculturas das harpias e águias lá existentes, e de suas atividades aéreas destinadas aos cadetes do ar, para Pirassununga.

Os versos da "Canção dos Cadetes do Ar", composição que tem letra e música do cadete Luiz Felipe de Magalhães, afirma, poeticamente, "Entre nuvens, dos céus vendo a terra, / Vivem lá os Cadetes do ar!", dando uma visão poética e mística que faz do Campo dos Afonsos a lenda, como se ainda hoje abrigasse aquele ambiente dos pousos e decolagens dos T-21, dos T-6, com o ronco possante de seus motores, elevando aos ares o sonho de tantos jovens.

TRADIÇÃO

O binômio tradição e patrimônio histórico foi fundamental e importante para que as autoridades da época decidissem pela criação da UNIFA no local onde ela hoje está. O Campo dos Afonsos iniciou sua história em outubro de 1911, ao abrigar a primeira instituição aeronáutica do Brasil, o Aeroclube Brasileiro, que tinha como presidente honorário ninguém menos do que Alberto Santos Dumont. Em 2 de fevereiro de 1914, foi criada a Escola Brasileira de Aviação (EBA), com a proposta de formar pilotos civis e militares, tanto para a Marinha quanto para o Exército. Essa escola, porém, teve vida curta devido aos altos custos



de manutenção; mas em meados de 1918 a Missão Militar Francesa motivou a criação de uma nova organização aeronáutica, voltada exclusivamente às atividades de aviação militar.

É nesse ambiente, a um só tempo lendário e mítico, que acontece o vôo inaugural do Correio Aéreo Nacional (CAN), sob inspiração de Eduardo Gomes, em 1931, no dia 12 de junho, quando os tenentes Casimiro Montenegro Filho e Néelson Freire Lavanère-Wanderley decolaram do Campo dos Afonsos, no Curtiss Fledgling K-263, transportando uma mala postal do Rio de Janeiro para São Paulo. Em 1942, logo após em 1941 a criação do Ministério da Aeronáutica, o Campo dos Afonsos sediou a Escola de Aeronáutica até 1971, quando da sua transferência para Pirassununga, no interior de São Paulo, recebeu a denominação de Academia da Força Aérea (AFA).

A partir desse momento histórico, o Campo dos Afonsos abrigou o Grupo de Apoio dos Afonsos (GAP), até a criação da



Universidade da Força Aérea, que resgatou para a área a sua tradição de formação e capacitação de profissionais para a Força Aérea.

A Turma Brasinha deu os primeiros

*"A imaginação é mais importante que o conhecimento."
Albert Einstein*





passos nesse processo histórico, durante a formação daqueles que seriam oficiais aviadores. No ano de 1965, os cadetes do ar, reunidos foram realizar o estágio avançado, em aeronave T-6, no Destacamento Precursor da Academia da Força Aérea, em Pirassununga, em face das transformações pelas quais a Força Aérea teria de passar no tocante à instrução aérea de seus futuros oficiais.

Assim, naquele ano, após a instrução

aérea, em Pirassununga, os Brasinhas voltariam para a sua formatura na Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, no final de 1965. Lentamente, a Escola de Aeronáutica ia encerrando um ciclo de sua existência, mas a alma que lhe deu vida permaneceu imortal, na lembrança de todos aqueles jovens dos anos sessenta, em particular a Turma Brasinha, além de imantar a organização militar que seria implantada naquele lendário Campo dos Afonsos.



A UNIFA

A UNIFA tem como principal finalidade promover o desenvolvimento da ciência aeroespacial e capacitar, cultural e profissionalmente, os militares e civis do Comando da Aeronáutica (CMAER).

Atualmente, a UNIFA tem várias organizações subordinadas e outras apoiadas. Todas elas são de primordial importância no preparo profissional do militar, incluindo-se, nesse campo, as áreas estratégica, operacional

e logística, ou na preservação histórica da Força Aérea. Na medida em que a sociedade brasileira avança nas discussões de estudos estratégicos relacionados à Defesa Nacional, a UNIFA, por tratar-se da única universidade militar no país, se qualifica como um "campus" feito para hospedar debates ligados a esses assuntos. Por sua vocação universitária, é um fórum natural que pode congrega o segmento civil da sociedade, representado pelo universo



acadêmico, para discutir, de forma científica e metodológica, temas que envolvem tais estudos. Nesse sentido, a UNIFA se revela como um avanço na mentalidade militar, uma vez que seu engajamento na troca de experiências acadêmicas contribui para o segmento civil da sociedade, aprimorando conceitos ligados à Defesa.

Para isso, entre suas inúmeras competências, destacam-se o desenvolvimento de Programas de Pós-graduação em Ciências Aeroespaciais e em outras áreas de interesse do COMAER, compreendendo mestrado e doutorado. Por intermédio da sua Divisão de Ensino, Pesquisa e Extensão, a UNIFA também supervisiona e avalia as atividades didáticas desenvolvidas em seu "campus".

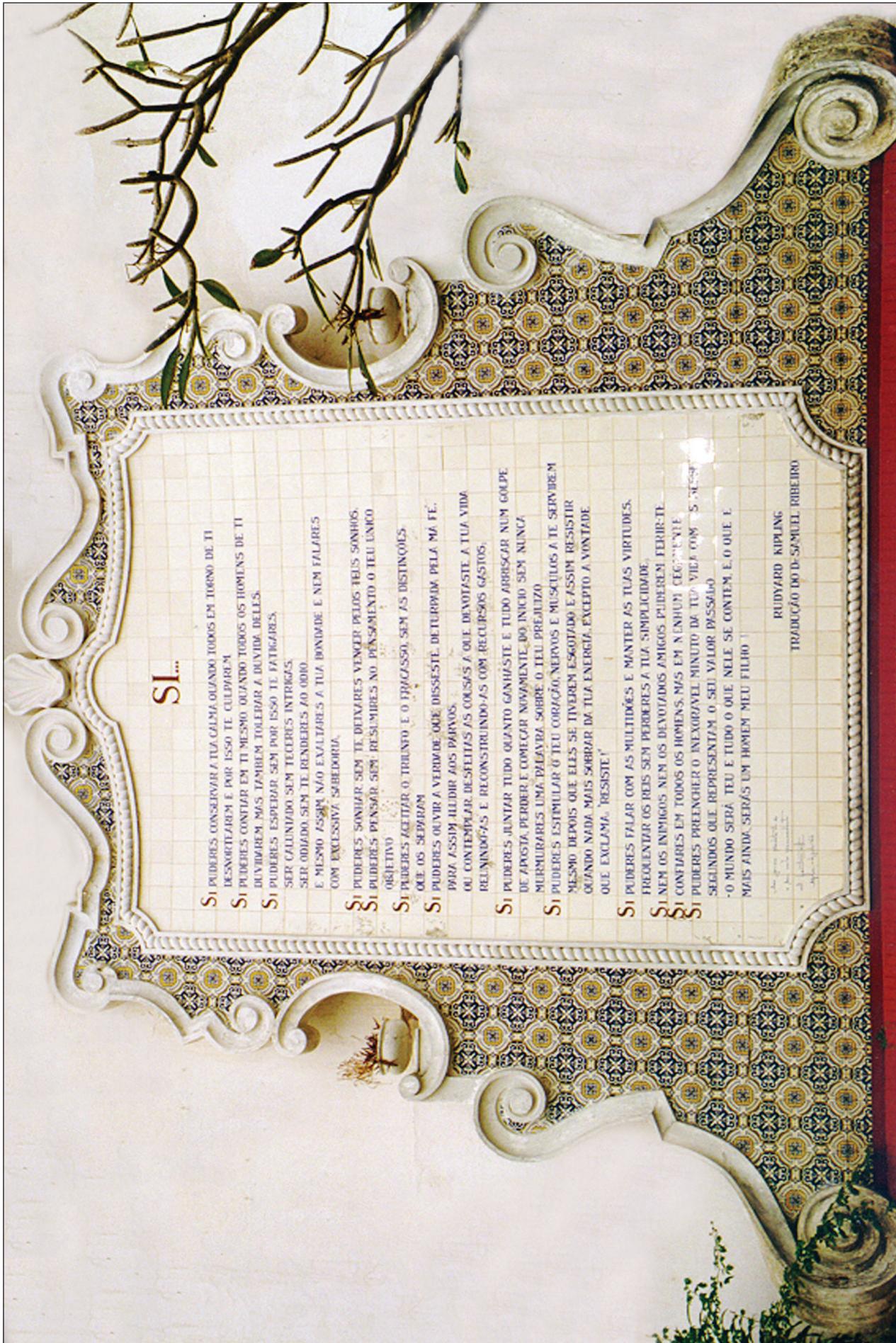
Fazem parte, hoje, do complexo universitário, várias organizações militares e um programa social: além do prédio do Comando da UNIFA, onde são ministrados os cursos de pós-graduação, estão lá abrigadas a Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica (ECEMAR), a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica (EAOAr), o Centro de Instrução Especializada da Aeronáutica (CIEAr) e a Comissão de Desportos da Aeronáutica (CDA). Hospedada em seu "campus", situam-se também o Centro

de Documentação e Histórico da Aeronáutica (CENDOC), o Instituto de Fisiologia Aeroespacial (IFISAL), o Museu Aeroespacial (MUSAL) e o programa social Núcleo de Aprendizizes. Como uma de suas ferramentas didáticas, a UNIFA mantém, em seu "campus", uma Biblioteca Central, destinada a apoiar as atividades de ensino e pesquisa. A partir de 2007, e em virtude dos cursos de Pós-graduação, a Biblioteca Central passou por uma reforma para atender exigências da Coodenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES).

A criação, em 2008, de um Centro de Estudos Estratégicos, interagindo com a Pós-graduação e a Divisão de Ensino, Pesquisa e Extensão, vem complementar o ciclo de produção científica e cultural desenvolvido na Universidade da Força Aérea.

Todo esse complexo teve a indefectível participação da Turma de 1960, quando seus integrantes chegaram aos Afonsos em 1963. Com o tempo, uma boa parte de seus membros lá serviram na década de 80 e 90, como instrutores da ECEMAR ou chefiando setores importantes do "campus" universitário, inclusive comandando a organização. Assim, eles concorreram para a evolução de todos esse processo na História da UNIFA.





SI...

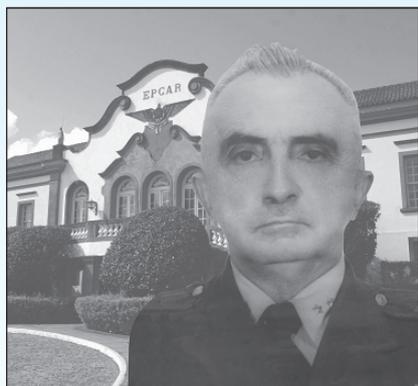
- SI PUDESSES CONSERVAR A TUA CALMA QUANDO TODOS EM TORNO DE TI DESMORTEM E POR ISSO TE CULPAREM.
- SI PUDESSES CONTAR EM TI MESMO QUANDO TODOS OS HOMENS DE TI DUVIDAREM, MAS TAMBÉM TOLERAR A DUIDADA DELES.
- SI PUDESSES ESPERAR SEM POR ISSO TE FATIGARES.
- SI SER CALUNIADO SEM TE CECRES INTRIGAS.
- SI SER ODIADO SEM TE RENDERES AO ODIIO.
- SI E MESMO ASSIM NÃO EXALTARES A TUA BONDADE E NEM FALARES COM EXCESSIVA SABEDORIA.
- SI PUDESSES SONHAR SEM TE DEIXARES VENCER PELOS TEUS SONHOS.
- SI PUDESSES PENSAR SEM RESUMIRES NO PENSAMENTO O TEU UNICO OBJETIVO.
- SI PUDESSES ACERTAR O TORCIMENTO E O TRACASSO, SEM AS DISTINGUIÇÕES QUE OS SEPARAM.
- SI PUDESSES OUVIR A VERDADE QUE DISSESTE, DETURBADA PELA MÁ FÉ.
- SI PARA ASSIM ALLUDIR AOS PARVOS.
- SI OU CONTEMPLAR, DESFEITAS AS COISAS A QUE DEVOTASTE A TUA VIDA RELINQUINDO-AS E RECONSTRUINDO-AS COM RECURSOS GASTOS.
- SI PUDESSES JUNTAR TUDO QUANTO GANHASTE E TUDO ARRESCAR NUM GOLPE DE ANGSTA, PERDER E COMEÇAR NOVAMENTE DO INICHO SEM NUNCA MURMURARES UMA PALAVRA SOBRE O TEU PREJUÍZO.
- SI PUDESSES ESTIMULAR O TEU CORAÇÃO, NERVOS E MUSCULOS A TE SERVIREM MESMO DEPOIS QUE ELLES SE TIVEREM ESGOTADO E ASSIM RESISTIR QUANDO NADA MAIS SOBRRAR DA TUA ENERGIA, EXCEPTO A VONTADE QUE EXCLAMA: 'RESISTE!'
- SI PUDESSES FALAR COM AS MULTIDÕES E MANTER AS TUAS VIRTUDES, FREQUENTAR OS REIS SEM PERDRES A TUA SIMPLICIDADE.
- SI NEM OS INIMIGOS NEM OS DEVOTADOS AMIGOS PUDEREM FERIR-TE.
- SI PUDESSES PREENCHER O INEXORAVEL MINUTO DA TUA VIDA COM OS MELHORES SEGUNDOS QUE REPRESENTAM O SEU VALOR DESSAÇÃO.
- O MUNDO SERÁ TEU E TUDO O QUE NELE SE CONTEM, E O QUE É.
- MAIS AINDA SERÁS UM HOMEM MEU FILHO!

RUDYARD KIPLING
 TRADUÇÃO DO D. SAMUEL RIBEIRO

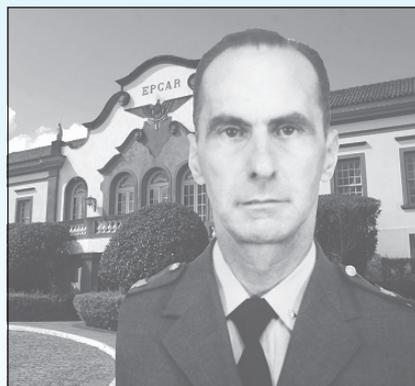
Nossos Comandantes

Liderança é um conceito com o qual, desde cedo, os alunos da EPCAR aprendem a cultivar. As lições são apreendidas ao longo da vida e se refletem no caráter de cada um de nós. Exemplos como os de um Eduardo Gomes, amalgamando a História do Brasil com os ideais de uma nação promissora, honrada e dignificada pelo culto aos seus símbolos; pioneirismos como os de Casemiro Montenegro Filho e Néelson Freire Lavanère-Wanderley, recriando as fronteiras nos céus do Brasil, alargando a esperança da Unidade Nacional,

pelos asas do Correio Aéreo; heroísmos como os de Nero Moura e seus combatentes nos céus da Itália, comandando o 1º Grupo de Caça, durante o II Conflito Mundial.... Essas lideranças, com seus exemplos, pioneirismo e heroísmos fizeram parte do cenário de nossa juventude... Muito são os nomes, muito os seus feitos. Na trilha dessas lideranças, tivemos os primeiros contatos com nossos comandantes. Cada um deles deixou a marca de suas qualidades disciplinadoras e do compromisso com a nossa formação.



Brigadeiro do Ar (EPCAR)
Sinval de Castro e Silva Filho:
17 Ago 57 - 11 Mar 61



Brigadeiro do Ar (EPCAR)
Homero Souto de Oliveira:
11 Mar 61 - 15 Fev 63



Brigadeiro do Ar (EAER)
Antônio Raymundo Pires:
9 Out 61 - 28 Out 64



Brigadeiro do Ar (EAER)
Ruben Scholl Serpa:
28 Out 64 - 15 Mar 66

Pirassununga



Cel. Aviator Junot Fernandes Monteiro: comandante do Destacamento Precursor da AFA, no período em que a Turma Brasinha realizou, em 1965, instrução aérea no estágio avançado.

Aeronaves de nossa geração

A turma Brasinha é herdeira de um acervo histórico valiosíssimo no tocante ao equipamento aéreo empregado pela Força Aérea Brasileira. Na verdade, quando o Ministério da Aeronáutica foi criado, em 20 de janeiro de 1941, trouxe para a Força Aérea as aeronaves que equipavam o Exército e a Aviação Naval. Hoje, essas aeronaves fazem parte do acervo do MUSEU AEROESPACIAL – MUSAL – que ocupa os hangares onde, na condição de cadetes, a Turma Brasinha iniciou os seus primeiros contatos com a magia da aviação.

O Ministério da Aeronáutica tinha, então, dezenove anos de existência, quando os jovens da turma Brasinha, ingressaram na EPCAR, em 1960. Eram, pois, todos da mesma geração: eles, os alunos, e a Força Aérea Brasileira, também jovem, tinham, praticamente, as mesmas idades. Mesmo aqueles que, mais tarde, se desligariam da vida militar para trilhar suas jornadas profissionais no segmento civil da sociedade ou em outras Forças Armadas e Auxiliares, construiriam elos de afetividade com as coisas do espaço. Alguns deles, inclusive, se voltaram para a aviação civil. Enfim, todos deram provimento aos seus sonhos e desejos, trabalhando em favor de um Brasil cada vez melhor sempre com os olhos voltados para o alto.

Ao olhar para os céus eles viam, indistintamente, as asas da Força Aérea, povoando o espaço no cumprimento da missão constitucional de garantir a Soberania do Espaço Aéreo Brasileiro.

Quais eram, então, as aeronaves daquela geração, aquelas que os Brasinhas voaram compartilhando-as com os companheiros de sua geração? Eles voaram essas aeronaves até o dia em que penduraram os seus uniformes de piloto, os seus macacões





do vôo, mas, deixando, sempre ativos, os seus corações ligados no ideal de servir à pátria pelas asas da Força Aérea Brasileira...

As primeiras aeronaves foram aquelas que fizeram parte da formação profissional dos jovens cadetes, lá no lendário Campo dos Afonsos, na antiga Escola de Aeronáutica, partindo dos pátios e dos hangares onde hoje está o MUSAL que ainda mantém a atmosfera mágica daqueles tempos. Entre as reminiscências que provocam grande comoção aos que viveram aqueles tempos está a réplica da sala onde eram passadas as informações sobre a instrução aérea (Sala de Brifim), em um dos hangares, com o cenário da época. Bonecos inertes, representando os cadetes, assistem ao instrutor, diante de uma lousa, com os traçados do vôo que será realizado naquele dia. Esses bonecos inertes, vestidos com os macacões de vôo, diante do imaginário daqueles que viveram aquelas experiências, parecem ganhar vida, projetando aqueles cadetes que por ali passaram. É como se o MUSEU AEROESPACIAL estivesse escolhido um daqueles momentos para eternizar na simbólica Sala de Brifim.

Ao longo das alamedas criadas no interior dos hangares, balizando as áreas de exposição de cada uma das aeronaves desse passado da Força Aérea, os Brasinhas desfilaram seus sonhos e experiências. Contemplando cada uma dessas aeronaves, vamos reviver momentos de cada um desses Brasinhas, aviadores, intendentess, infantess e especialistas, todos com uma história particular, ligada a cada um dos aviões ali expostos. Eles foram, em algum momento da História do Brasil, os pilotos que conduziram as "Asas que Voaram pela Paz", uma vez que, muito daqueles equipamentos, foram empregados no esforço de guerra, quer fosse patrulhando o litoral brasileiro ou combatendo nos céus da Europa. Nesse ponto, os leitores estão convidados a voar no tempo, nas aeronaves que pertenceram à nossa geração, contemplando imagens que desfilam diante de olhos e corações saudosos...







Nossos Oficiais Gerais

Entre os que lograram o oficialato, formados em dezembro de 1965, e ainda contando com mais dois formados na turma seguinte, entre os aviadores, alguns chegariam ao generalato. Eles prosseguiriam a jornada... No decurso de três décadas de serviços prestados à FORÇA AÉREA BRASILEIRA, nos quadros que facultam a promoção ao posto de oficial general – o de intendentes, cujo limite, por força de regulamento se adstringe ao posto de Major-Brigadeiro e o de aviadores, destinados aos mais altos escalões da hierarquia – nossa turma teve a honra e o mérito de ser representada pelos promovidos a esse ciclo que consagra a carreira. Uma escolha que se desenha ao longo dos anos, entre os mais de trezentos jovens matriculados na EPCAR. Eles receberam a predestinada missão de continuar o desenvolvimento e o avanço da Força Aérea Brasileira, comandando os mais complexos e sofisticados setores dessa atividade tão importante para a Defesa

Nacional. Aviadores e intendentes, alguns de nós, chegariam ao generalato, encerrando, dessa forma, gradativamente, suas carreiras. Entre os aviadores, alguns prosseguiriam, conquistando mais uma estrela, ocupando o comando da Força na condição honrosa de Major-Brigadeiro do Ar. Apenas dois, entre todos, seriam escolhidos para compor o Alto-Comando da Aeronáutica, representando, na posição de Tenente-Brigadeiro do Ar, aquela turma de jovens sonhadores, mostrando que tudo aquilo que desejamos é possível acontecer, uma vez que seja concedido pelo poder divino e pelos méritos humanos, conquistados pelas realizações do nosso livre-arbítrio. Certamente, no processo das escolhas, como em todas as carreiras, assim como na vida, há um ordenamento que leva ao ápice os mais predestinados. Como se não bastasse, um deles estava marcado para ser o COMANDANTE DA AERONÁUTICA, chegando ao seu mais alto escalão...



JUNITI SAITO
 Brigadeiro do Ar: 31 de março de 1995
 Major-Brigadeiro do Ar: 31 de julho de 1999
 Tenente-Brigadeiro do Ar: 31 de março de 2003



PAULO ROBERTO BORGES BASTOS
 Brigadeiro do Ar: 31 de março de 1994
 Major-Brigadeiro do Ar: 25 de novembro de 1998
 Tenente-Brigadeiro do Ar: 31 de março de 2003



NELSON TEIXEIRA PINTO
 Brigadeiro do Ar: 31 de julho de 1994
 Major-Brigadeiro do Ar: 25 de novembro de 1998



SÉRGIO CANDIOTA DA SILVA
(in memoriam)



VENÂNCIO GROSSI
 Brigadeiro do Ar: 31 de março de 1995
 Major-Brigadeiro do Ar: 31 de julho de 1999

VALDIR DE SOUZA
 Brigadeiro do Ar: 25 de novembro de 1993



RIVALDO PAURÍLIO CARDOSO
 Brigadeiro do Ar: 31 de março de 1994

FRANCISCO DE OLIVEIRA NETO JÚNIOR
 Brigadeiro do Ar: 31 de março de 1994



ÁLVARO MOREIRA PEQUENO
 Brigadeiro do Ar: 31 de março de 1995



WILSON JOSÉ ROMÃO
 Brigadeiro do Ar: 31 de março de 1995

PAULO JORGE BOTELHO SARMENTO
 Brigadeiro do Ar: 31 de julho de 1996
 Major-Brigadeiro do Ar: 31 de março de 2000



AMÉRICO SOARES FILHO
 Brigadeiro do Ar: 31 de julho de 1996



JAIRO PEREIRA CHRISTOVAM
 Brigadeiro Intendente de Aeronáutica: 31 de julho de 1998





Reminiscências



ORGULHO E GRATIDÃO

Visitar o nosso passado, pelo mosaico de fotografias, pálidas, desgastadas pelo tempo, reascende o nosso orgulho, no sentido mais elevado da natureza humana, e a nossa gratidão. São dois sentimentos que nos animam: um, o orgulho, pelo fato de projetarmos nossas qualidades, nossas conquistas no esporte, no atletismo, na arte e na cultura... é como se cada um de nós, ainda que não tivéssemos a habilidade, individualmente, de competir, alcançando os recordes nas olimpíadas, nos jogos internos e nos eventos nacionais, fossemos, de qualquer modo, o vencedor, o campeão. Lá estava o nosso imbatível time de basquete, o nosso glorioso vôlei, os nossos lançadores de dardos, de peso, os nossos corredores, os nossos atletas da piscina, sempre à frente com seus nados de costa, de peito, golfinho, borboleta ou, simplesmente, o crawl, sem esquecer a equipe de "aqualoucos..." e dos aeromodelistas.

O outro sentimento, o da gratidão, nos toca pela grandeza da humildade, reconhecendo os que nos ajudaram a crescer.

Passando do atletismo, do esporte para a arte e para a cultura, quem há de esquecer da Gincana Cultural, entre os estudantes secundários de Barbacena, promovida pelo *Lions Clube do Brasil*.

A EPCAR, com seus jovens seletos do país inteiro, levou grande vantagem naquela efeméride tão fraterna e cultural realizada na cidade, nos idos dos anos sessenta; e os espetáculos de arte? O conjunto de música "Senta Pua" ganhou celebridade além dos portões da EPCAR, sendo convidado para apresentar seus shows nas cidades de São João Del Rey, de Ubá, de Conselheiro Lafaiete e até mesmo

na capital mineira. O conjunto, que nascia com a bossa nova, tinha características bastante ecléticas; ficaram inesquecíveis alguns de seus arranjos, entre ele o "Tea for Two" tocado, simultaneamente, com o "C'est ci Bon", duas canções da época, em plena harmonia melódica, entre o piano e o acordeão, acompanhados pela marcação rítmica da percussão e do baixo acústico. Música, esquete, vinhetas, tudo com o aplauso dos presentes, durante o aniversário da EPCAR, em maio de 1960. Tempos inesquecíveis de alegria e de orgulho para todos nós. A fundação da "Academia de Letras dos Alunos da EPCAR",



inaugurada numa noite de poesia, numa das salas de aula, com a presença do Comandante, Brigadeiro Homero Souto, atento aos poemas de seus alunos, foi um marco cultural-literário. Ao tomarem posse de suas cadeiras, os alunos-acadêmicos tiveram de discorrer sobre a vida e obra de seus patronos. Nessas mesmas salas de aula, onde eram realizados os “estudos obrigatórios”, nós vivíamos o cenário do cotidiano de nosso aprendizado.

Muitas foram as manifestações de nossos conhecimentos e potencialidades: permeando os desfiles militares, os acampamentos e os estudos, destacavam-se os atletas, desportistas, poetas, músicos e artistas, entre desenhistas, ilustradores e outros talentos. E note-se: o Ronnie Von ainda não era famoso, só entre nós! São muitas as reminiscências daqueles anos dourados.

E a gratidão?

Gratidão é um dos sustentáculos das virtudes humanas. Por meio dela, cultuamos aqueles que, um dia, foram importantes em nossas vidas... Aqueles que passaram por nós, não como um cometa, que deixa rastros e desaparece, mas como estrelas que, mesmo depois de mortas, continuam a deixar o espectro de sua luz, irradiando no infinito...

Entre os nomes que podemos lembrar, para semear a gratidão estão os inesquecíveis mestres da Escola Preparatória de Cadetes do Ar e aqueles que, mais tarde, nos ensinaram tantas coisas, lá no saudoso Campo dos Afonsos. No dizer do nosso colega Jorge Augusto Carneiro (60-117), que ao escrever mensagem comemorativa dos nossos 45 anos, registra: “Quem há de esquecer do brilhantismo de um Fernando Vitor, da profundidade de um Poças, da seriedade de um Clodoaldo, da bondade de um Camargo ou do valor de um Conegundes. Quem há de não sentir respeito pelos ensinamentos dos irmãos Kubrusly, pela verve de um Pascoal Villaboim, pelo saber de um Mario Barreto ou de um Pedro Paulo. A todos homenageamos na figura do velho General, aquele

que por lá passou e nunca esqueceu, com uma sabedoria que ultrapassava a nossa jovem compreensão...

“Gratidão que estendemos, por justiça, a todos os chefes e instrutores, presenças marcantes em nossa formação. Reverenciamos seus nomes recordando o primeiro comandante da Esquadilha, o jovem aspirante Clovis João Freire, de cujas eloqüentes metáforas jamais esqueceremos.”

Entre mestres e instrutores, civis e militares, há ainda aqueles cujos nomes se transformaram em símbolo, marcando o tempo de nossa juventude, mesmo que suas imagens possam estar diluídas em nossas mentes, mas sempre presentes em nossas lembranças. Vamos reascender nossas memórias; eis o teste:

“Caldeireiro (...) !!!”

“Focaliza Garcia!”

“Não se mexe; estufa o peito, encolhe a barriga”

**Toque de silêncio, o silêncio inesquecível
de nossos corneteiros...**

Nas páginas seguintes momentos de enlevo e de lembranças; fatos, fotos, e um bocado de entrelinhas...



*“Todo meu patrimônio são meus amigos”
Emily Dickinson.*



A VOZ DE DEUS...

Para quem não acredita em milagres, há um testemunho vivo. Antes, se o Mestre de Nazareth impunha a sua mão para curar, hoje, a ciência, por meio do conhecimento, dádiva consentida ao homem pela divindade, pode ser considerada o grande milagre dos tempos hodiernos. Por outro lado, em nossa turma, ainda somos capazes de apreciar o milagre vivo da existência. E ele tem nome e identidade definidos: Ruy de Senna Pereira!

Como deixar de fora todas as reminiscências a que o "capetinha", Senna Pereira, 60-243, nos remete... No próprio depoimento do Zeir, nas entrelinhas, há algumas revelações. Mas o que importa agora são os arcanos divinos, os da vida, para os quais não temos explicações (ou ainda não temos), e que se anunciam como promessas da vida. Quem de nós, hoje, discordaria de acolher o nosso Diácono, pastor de almas, com sua dedicada vida de amor ao próximo, como um exemplo de esperança laboriosa? Senna Pereira, o companheiro que transformou os ímpetus de sua juventude, num celebrado culto de amor a Deus, aproveitou toda a experiência de um tempo para consagrar seu destino ao bem. Seria mais uma influência, **subliminar** dos ensinamentos da EPCAR? (deu até rima)... Também, é possível! Mas, sobretudo, o que se conclui é que temos, entre nós, mais um orgulho, mais uma de nossas conquistas, independente do credo religioso de cada qual ou da escola filosófica, e até mesmo dos que não possuem crença alguma, Senna Pereira é o nosso milagre!!! Vai um desafio, talvez pretensioso: que outra turma teria o seu próprio milagre?!!!

A todos os meninos que passaram pela EPCAR

BEQUEANO...

*Se você foi criatura,
Que cedo quis desvendar
Os segredos das alturas,
No desejo de voar;*

*Se você foi um menino,
Que o ninho do lar deixou,
E optou por outro ninho
E um novo lar adotou;*

*Escola-lar Barbacena:
Dor, sorriso e emoção,
A vida valeu a pena
Pela preciosa lição;*

*Arribamos nesta casa,
Com a imagem do avião;
Ao sair tínhamos asas
Na mente e no coração;*

*Barbacena legendária,
Desde os tempos mais antigos,
Na vida comunitária,
Foi uma usina de amigos;*

*Se você foi bequeano,
Seu companheiro me faço,
Pra mandar calor humano
No meu fraternal abraço.*

A. Fernandes (60-002) – Maio de 1998.



SÓ UMA FORÇA

Cadete Aviador Ubirajara Carvalho da Cruz

Só uma força é capaz de dar-te o mundo inteiro e todos os seus bens – A RENÚNCIA – o egoísmo desperta o sentimento do “eu” e do “meu” no avaro sentido e faz sofrer a quem perde. Se renuncias aos ganhos, nada tens a perder.

Só uma força é capaz de fazer-te mais lúcido das coisas que te acontecem e daquelas que, sendo más, poderás evitar – A PRUDÊNCIA – aliada à paciência serão fortes armas que melhor te darão o natural discernimento do bem e do mal.

Só uma força poderá conquistar-te a glória e dar-te um mundo de conhecimentos sábios e valorosos, frutos da tua fé e esperança – O TEMPO – que passa inexorável em sua marcha e nunca dá uma segunda vez, que a tua inteligência deve aproveitar.

Só uma força poderá valorizar as tuas experiências, principalmente as piores por que passaste na vida – O SACRIFÍCIO – ao qual nunca te furtarás, porque é inevitável na conquista da vitória.

Só uma força poderá colocar-te ao lado dos grandes homens e aumentar os teus próprios valores – O TRABALHO – que, desinteressado, conduz o homem à plena satisfação dos seus desejos.

Só uma força poderá fazer-te compreensivo e magnânimo, amigo e bem amado – A TOLERÂNCIA – necessária para o orgulho, a pretensão, a injustiça, os erros dos teus iguais.

Só uma força poderá equilibrar-te no mundo e dominar tudo em ti, ensinando o autodomínio, dirigindo teu sentimento e sabedoria para as boas obras e perspectivas, dando-te todas as virtudes morais que o mundo conhece... Aprenderás a ter tudo o que pretendes possuir. Será eterno o que puderes construir. Só uma força. Aquela que dá vida ao Universo e faz de nossa existência o encanto que nela existe. É o tudo, o todo, a vida – O AMOR.

P.S.: Só uma força poderia fazer-me escrever assim: o sofrimento.

Rio, Campo dos Afonsos, 1963





Sentimento de gratidão

Ao dirigir mensagem, elogiando a atuação do nosso companheiro Altamir (60-045) na condução dos trabalhos da Comissão Organizadora do Evento Comemorativo do Jubileu de Ouro da Turma Brasinha, o nosso querido Edgar Cabral (60-030), entre tantas palavras de estímulo, gentis e sinceras, acrescentou alguns pensamentos que nos levam à profunda reflexão, até mesmo, teosófica. Confirme:

“Às vezes, me ponho a perguntar o que deu na cabeça dos senhores do carma, do grande arquiteto do universo, para reunir, há exatos meio século atrás, um grupo de jovens, muito jovens mesmo, lá naquele pedaço perdido e frio do universo, que até hoje se reúnem, meio sem saber o porquê. Seria por mero acaso, ou estas pedras se uniram por obra do criador em um caldeamento místico, de significado superior ao que mundanamente conseguimos acompanhar?...”

Senão vejamos: fomos à Barbacena, fomos à EPCAR, fomos aos Afonsos... Alguns concluíram seu propósito de serem guerreiros alados e outros se levaram ao combate da existência, sendo guerreiros da vida, mas sempre do bom combate, como aprendemos na longínqua BQ e na querida EPCAR.

... Vejo este nosso encontro de meio século, como um evento de reencontro de muitos guerreiros, um evento místico, meio misterioso, meio impossível, mas com existência já determinada no plano astral superior.

Um grande e forte abraço do EDGARD CABRAL ”

***Um documento raro
...E assim, todos crescemos juntos!***





A Nova Estação

Altamir Ferreira Ribeiro da Silva
(60-045)

**Vejo rosas em volta de mim...
Procuro rezas que façam dela
Rainha do meu viver.**

**Enlouquece meu ego
Com força, sem fim...
Na dança, em valsa,
Em lindo jardim.**

**Há muito se foi,
Sem nada deixar,
Sem nada pedir...**

**Meu corpo cansado de tanto sofrer
Procura, calado, o amor encontrar.**

**Oxalá possa, um dia, sorrir
Quando o amor à porta chegar...**

**E eu, mais uma vez,
Recordo nos sonhos
Sua boca beijar,
Seu corpo tocar...**

**Assim, na minha paixão,
Só peço ao Senhor
Que a nova estação
Breve retorne
P'ra, mais uma vez,
Rosas me traga
Com ela, talvez...**

"Os poetas existem para que o impossível se cumpra."

Myrian Fraga





Acredite se quiser...

A Brincadeira

Jobber Rocha (60-037)

Ninguém saberia dizer como surgiu aquela brincadeira, na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, nos idos de 1960.

Consistia em emborcar um copo de vidro, no centro de uma mesa, e, colocando todas as letras do alfabeto à sua volta, efetuar perguntas ao copo, tendo, antes, apoiado os dedos indicadores sobre o fundo do copo. Normalmente, participavam dessas brincadeiras, cerca de quatro ou cinco alunos.

O copo, deslocando-se pela superfície da mesa, parava em frente as letras formando, primeiro palavras e, depois, frases, em resposta às perguntas feitas. Diziam que um espírito entrava no copo e o movimentava, comunicando-se com os presentes.

Naquele dia, em uma sala de aulas vazia, reuniram-se cinco alunos, após o toque de silêncio, para dar início à brincadeira. Um deles, era totalmente incrédulo, nunca tendo participado de uma daquelas sessões.

Iniciada a sessão, quando o copo começou a se mover, ele, descrente, retirou seu dedo do fundo do copo e começou a dizer que aquilo era um embuste, uma empulhação.

Afirmava que não havia espírito algum, nem dentro nem fora do copo, e que os participantes é que moviam o tal copo com os dedos.

Repentinamente, porém, foi tomado por uma súbita convulsão e, caindo ao solo, começou a falar de modo estranho, como se fosse uma pessoa muito mais velha do que ele, naquela ocasião, contando apenas dezessete anos.

Todos ficaram apavorados e saíram correndo da sala, deixando-o caído no chão, em convulsões. Aos poucos, a notícia se espalhou e chamaram o oficial de dia que foi encontrá-lo, falando de modo estranho e a se contorcer, assumindo posições estranhíssimas, completamente esdrúxulas para quem não estava concordando com aquele rito.

Pouco depois, chegava o capelão da escola que, embora com rezas e exorcismos, não conseguiu trazer de volta o aluno atuado, que não voltava ao seu estado normal.

Alguém se lembrou, então, de um "pai de santo" que possuía um terreiro próximo à escola e foram, então, chamá-lo às carreiras.



Quando o tal "pai de santo" chegou ao local, foi logo retirando de uma bolsa um charuto e uma garrafa de cachaça, que ficou totalmente vazia, após encher vários copos que eram bebidos pelo babalaô com facilidade. Falando, então, palavras estranhas que soavam como dialeto africano e fazendo gestos cabalísticos conseguiu, finalmente, retirar o aluno do estado de transe.

Após esta noite, nunca mais os alunos brincaram com o copo daquela maneira.

A nova brincadeira, agora, consistia em esvaziar copos, todos de uma só vez, como havia feito o pai de santo, cheio de cachaça, conhaque ou fogo paulista...



O BRASINHA

Como um diabinho passou a perna numa águia aleijada. Aqui vai um pequeno relato de uma testemunha do nascimento deste símbolo que veio a tornar-se, heraldicamente, o brasão de nossa turma.

Vale aqui dizer que seu pai é o Trindade (60-198), o Trinda, ou melhor, o MEFISTÓFELES como veremos mais adiante o porquê.

Estávamos no ano de 1962 e cursávamos o último ano da Escola em BQ. Éramos a turma G e nossa sala era no térreo do prédio do Posto Médico virado para o nosso alojamento.

Num daqueles famosos "estudos dirigidos", após o almoço, esse senhor, supracitado, havia feito um "bolachão" com a "figurinha diabólica", colocado na parede e sustentado pelo "quadro-negro", para ser inaugurado pelo nosso professor de química, mais conhecido como "Grapette" (quem não se lembra desse refrigerante?!). Vale dizer que este mineirinho estava desconfiado que tivéssemos preparado alguma arte para ele, mas foi tranqüilizado pelos "sérios" da turma, tipo Machão e Grossi.

Mas, antes, ele distribuiu uma lista de apelidos que pusera, em toda a turma, para que ao ter que responder à chamada, os pronunciasse. Não me lembro de todos, Mas, vamos lá: o meu era AZUCRINOL e adivinhem quem era o MEFISTÓFELES????? O pai do rapazinho do qual estamos falando – o Brasinha.

Olhem a ligação nome-símbolo... Lembro ainda, que todos, menos o Amaro (60-024), assim o fizeram.

Nessa hora, como a memória já começa a dar sinais de cansaço, peço aos remanescentes dessa turma que declinem seus "nicknames" (linguagem agora em voga). Então, Machão (60-177), Grossi (60-075), Pérciles (60-012), Jorge Mattos (61-332), Lisboa ou Tigrinho (60-018), José Miguel (61-338), D'Escoffier (61-325), Oldir (61-348), Oliveira ou Mikimba (60-135), Farias Diniz (60-166) e outros da turma que já não me lembro; vão aceitar o desafio???

Assina: Aporandy Cunha Moraes (61-347)
"Azucrinol"





“MACHÃO” – origem e destino

Para dirimir dúvidas; e não há nenhuma dúvida, apenas para ser enfático. Pode ser uma atitude, um estereótipo ou um apelido. No caso presente, valem os três. O cara é “Machão” mesmo... A origem do apelido tem várias versões, mas essa aqui registrada é a do próprio e *ai de quem contrariar*.

A turma chegou lá, na EPCAR, em 1960. Até, então, o cara não era “O Machão”. Tratava-se apenas de mais um aluno, como vários naquela turma: Antônio Augusto Mendes de Matos que recebeu a matrícula 60-177. O trote andava à solta; era um “salve-se quem puder”. No caso do Matos, ele durou pouco. Um veterano desavisado – quem não lembra do “Magro”? – que pelo apelido, repito, “Magro”, já não devia lá ser “essa coisa” de forte... Um aluno, também, como muitos dos que ali estavam. Era de 59, o Fernando Mascarenhas Filho, lá de Sorocaba-SP. Gente boa, mas não deu sorte nesse episódio. Escolheu o Matos para “esparro”. E, com aquelas expressões da época, resolveu tripudiar: “bicho, paga dez”. Tudo bem! “pagar dez” fazia parte do cardápio. Nada de estranho. Mas o “Magro” não se satisfez e resolveu ir à luta! Exagerou! Exigiu mais e mais do tal “bicho”. Não prestou!... O Matos era “três por quatro”, disposto à pancadaria e capaz de resolver o problema ali mesmo. Detalhe: veterano só é valente quando está em grupo, com raras exceções. O “Magro” estava lá, sozinho, com o Matos. “Bicho” – falou – “eu te mandei pagar mais dez...” E foi ai que o Matos se rebelou: “ Não vou pagar dez, nem vinte, nem (sensurado)..... nenhuma! O diálogo prossegue:

(Magro) — Ihhh! Bicho, tu é machão?

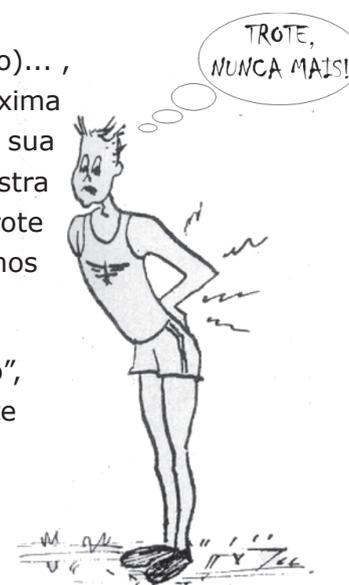
(Matos) — Sou, sim, ... (sensurado)..., sou machão, e daí?... Quer “entrar na ...(sensurado)...”, é agora mesmo!!!

(Magro) — Ihhh! Bicho, Machão!!!

.....

O tempo passou. “Machão” e “Magro” nunca saíram na (sensurado)... , mas ficaram grandes amigos. Afinal, o trote faz parte de um ritual que aproxima e revela cada um de nós, com seu temperamento, sua coragem moral, sua capacidade de resistir aos embates e, no caso dos veteranos, demonstra um certo gênio criativo e uma espécie de exercício para a liderança; o trote acaba sendo um instrumento de grandes amizades no futuro, quando somos todos veteranos.

... Depois disso, nunca mais o *Matos foi o Matos*, foi sempre o “Machão”, até hoje, mesmo quando chora no ombro dos amigos, emocionado, durante os encontros de turma!!!



“O Zé” com dores nas costas, depois da suga.
Criação de Álvaro Moreira Pequeno (61-320)



Testemunho

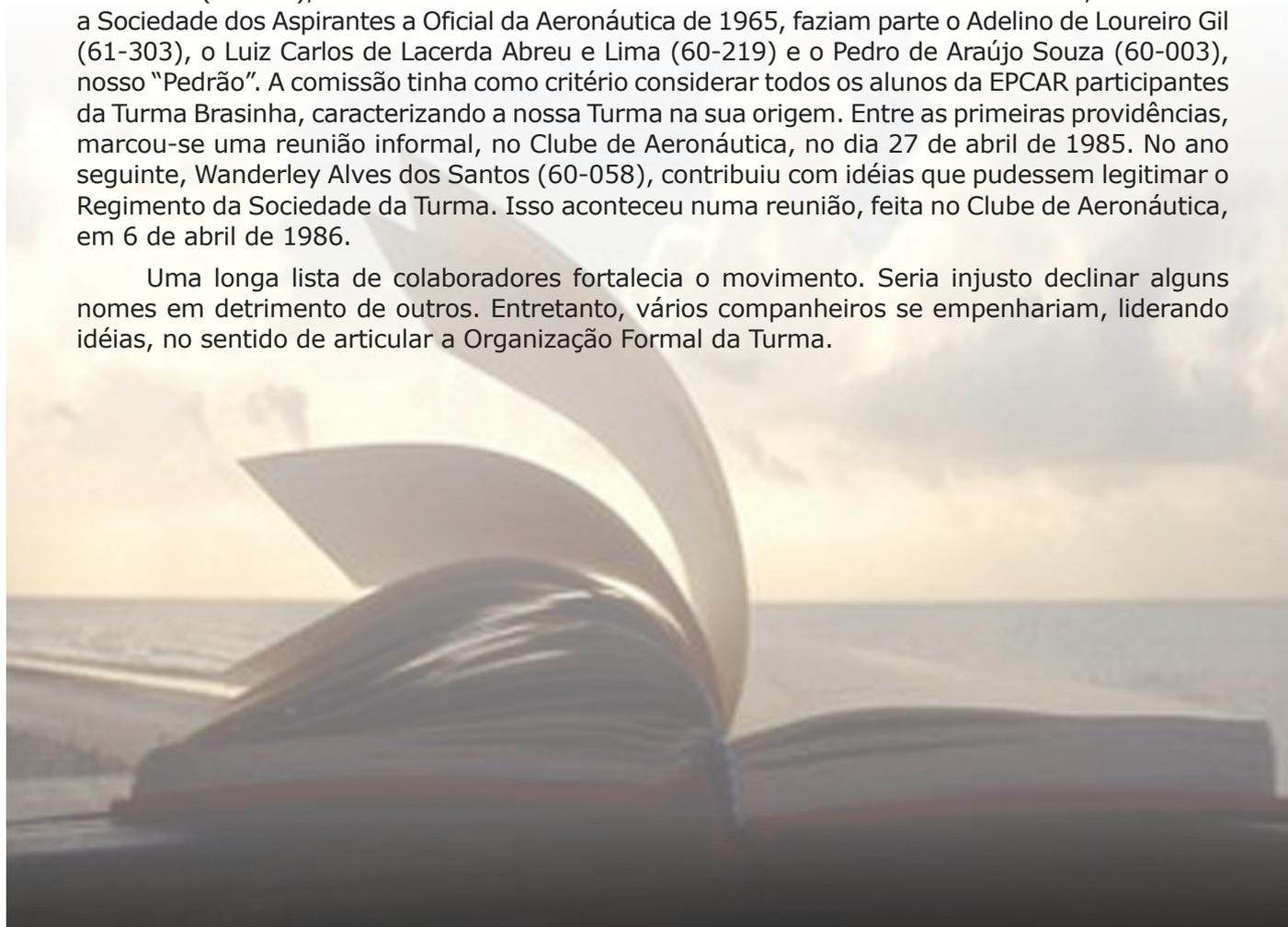
Nos idos de setenta, nossa turma estava espalhada pelo Brasil. Os militares assumiam o posto de capitão; os civis, certamente, já ostentavam seus títulos de graduação, cursando mestrado ou doutorado, no Brasil ou no exterior, dando prosseguimento, cada qual, às suas vidas. Entretanto, um grupo de nossa turma, liderado pelo Luiz Otávio de Moura Machado (60-070), iniciava um movimento para reunir a turma. Otávio foi incansável. Alguns devem ainda lembrar-se que houve – não se sabe por que razão – uma reunião na Base Aérea de Santa Cruz (?) e outra nos Afonsos. Tivemos votação para presidência da comissão, churrasco e uma boa vontade enorme do Otávio.

O tempo passou e a idéia se diluiu. Depois foi a vez do Mário José de Santana Filho (59-153), o “Limão” que, com seus esforços, a partir de Brasília, liderou vários de nossos encontros, colaborando, sempre ativamente, em alguns deles. Sempre incansável nessa idéia, “Limão” se pronunciou como um dos organizadores desses nossos movimentos.

Estávamos próximo aos 25 anos da Turma, data significativa, quando o Antonio Augusto Mendes Matos (60-177), o Paulo Roberto Borges Bastos (61-322) e o Wanderley Alves Santos (60-058), organizaram uma bela festa turística, nos idos de oitenta e cinco. Isso ensejou, novamente, a idéia de que precisávamos de reuniões sistemáticas; enfim, “organizar a parada”. Ainda assim, a turma continuava buscando um caminho.

O Ancilon, Carlos Augusto Ancilon Cavalcante (60-115), tomou a iniciativa de fundar uma Sociedade para o nosso grupo. Esse movimento teve a participação do Pedro Josino Cordeiro (60-016), do Manoel Albuquerque Abreu e Lima (61-310), do Aloísio da Fonseca Marques (60-152), do Valdir de Sousa (61-309), este representando os interesses da turma em Brasília, e do Geraldo Lima Pires (60-160), estendendo os tentáculos da turma em São Paulo. Dessa comissão, idealizando a Sociedade dos Aspirantes a Oficial da Aeronáutica de 1965, faziam parte o Adelino de Loureiro Gil (61-303), o Luiz Carlos de Lacerda Abreu e Lima (60-219) e o Pedro de Araújo Souza (60-003), nosso “Pedrão”. A comissão tinha como critério considerar todos os alunos da EPCAR participantes da Turma Brasinha, caracterizando a nossa Turma na sua origem. Entre as primeiras providências, marcou-se uma reunião informal, no Clube de Aeronáutica, no dia 27 de abril de 1985. No ano seguinte, Wanderley Alves dos Santos (60-058), contribuiu com idéias que pudessem legitimar o Regimento da Sociedade da Turma. Isso aconteceu numa reunião, feita no Clube de Aeronáutica, em 6 de abril de 1986.

Uma longa lista de colaboradores fortalecia o movimento. Seria injusto declinar alguns nomes em detrimento de outros. Entretanto, vários companheiros se empenhariam, liderando idéias, no sentido de articular a Organização Formal da Turma.





O Matos, Antônio Augusto Mendes de Matos (60-177), o “Machão”, em Brasília, foi um desses trabalhadores, seguido pelo Freitas, Nilton de Freitas Guimarães (60-077), que chegou a reunir muitos companheiros no Clube de Aeronáutica, no Rio, mantendo os ideais construtivos da reunião de turma, completamente, vivos. Nesse ponto, corria a década de noventa. E assim, fomos prosseguindo. Quem esqueceria a grande reunião de 2005? Nossos quarenta e cinco anos! Pois bem, a liderança do “Pamera”, José Pereira Carneiro (59-093), com apoio irrestrito do Paulo Roberto Borges Bastos (61-322) e do Juniti Saito (60-033), ambos, à época, já no posto de Tenente-Brigadeiro, foi de fundamental importância. Na ocasião, contou-se com a colaboração do Edgar Cabral (60-030), do Trinda, Néelson Luiz Trindade Rocha (60-198), do “Zetinho”, José Rodrigues Borges Júnior (60-316), do Aporandy Cunha Moraes ((61-347), sempre presente em todos os movimentos de turma, do Jorge Augusto Carneiro (60-117), o Mickey, e mais: José Gabriel Marques Ceccatto (60-103), Genard Holmes Burity (60-211), Sérgio Luiz de Souza Kuhnert (60-178) e o Saito que, mais uma vez, se fazia presente, na reunião cabralina, garantindo seu apoio irrestrito, na qualidade de presidente daquela comissão. Novamente, compareciam o Wanderley Alves, o Lacerda e tantos outros nomes, agora encobertos pela modéstia e pela colaboração anônima, tão importante e imprescindível em eventos dessa natureza. Todos foram recebidos pela fidalguia do Cabral e da Ana, em sua residência, numa reunião que precedeu a festa dos quarenta e cinco anos.

Assim, também ocorreu na festividade dos trinta, dos trinta e cinco, aqui cabe ressaltar a preciosa colaboração do José Teixeira Louzada (59-225), outro colaborador natural de nossa turma, e a de quarenta anos. Sempre houve um companheiro de turma, disposto a trabalhar com a colaboração de outros tantos, para que não se perdesse o elo com o sonho de nossa juventude. E assim foi feito! Tudo com humildade, sem aparatos, com determinação e objetividade, sempre houve um “Brasinha” capaz de congrega, reunir, festejar e depois desaparecer na poeira do tempo, dando lugar ao seu sucessor.

Agora mesmo, os interessados são, praticamente, todos. O Homero Pereira Souto de Oliveira (59-231) e o Sérgio Romeu (61-328), além do Aluísio da Fonseca Marques (60-152), estão sempre de sentinela em seus computadores, organizando e colaborando com a infra-estrutura dos eventos, tendo o Aporandy sempre por perto, apoiando com sua prodigiosa memória, assim como o Pedro, nosso “Pedrão”, àqueles que se lhes recorrem para dirimir dúvidas extemporâneas ou pertinentes. Também o Doderlayne Castro Kapp (60-020) foi sempre incansável na tentativa de reunir os companheiros da área de São Paulo; e tem conseguido excelentes resultados. O Breno Cezar Vieira Abruzzini (60-172) está disponível para oferecer seus préstimos às comissões de turma, com envoltórios formais. Assim, também o Eros Brancatti Augusto (59-173), o Olivério Veríssimo da Fonseca Filho (60-244) e o Gilson Alves Delgado (60-206) que não alardeiam suas colaborações, mas se fazem presentes nos momentos da adversidade, em silêncio.

E assim são muitos, quase todos! Um detalhe: na longa trajetória desses movimentos, que tem a gênese nos idos de setenta, havia sempre um nome presente: Altamir Ferreira Ribeiro da Silva (60-045) que, além de colaboração ativa, acabou liderando os movimentos dos 47 anos e desse **Jubileu de Ouro**. Um feito memorável que merece nossos aplausos e reverência.

Certamente, muito são os nomes e muito os sentimentos que contribuíram para que hoje esse movimento ganhasse força e expressão. A todos esses nomes, encobertos pela memória do tempo ou registrados em nossos assentamentos, os Brasinhas, como um corpo indissolúvel e imponderável, mas de alma sentida e essencial que, embora invisível aos olhos, se faz bem presente em nossos corações, agradecem.

Esse registro vai por mim assinado, que testemunhei todos esses movimentos, ativamente, como parte de nossa história, corrente de elos indefectível e inalienável para que, nos tempos do agora, pudéssemos estar comemorando o nosso **Jubileu de Ouro**.

Tenho a honra, portanto, de pessoalmente, registrar mais esse momento histórico, para constar de nossas futuras reminiscências... Quem sabe, a dos cem anos?!...

“... E como nada mais disse nem me foi perguntado”, assino o presente depoimento, dando-lhe fé e razão, que estão inscritas na mais indubitável de todas as chancelas: a da própria alma.

Assina Ubirajara Carvalho da Cruz (60-093)



Foto: cortesia
Homero Pereira Souto de Oliveira (59-231)

Foto: cortesia
Anani de Andrade Santos (59-027)



“Todos os homens têm manias: uns gostam de cavalos; outros de cães; outros querem ouro, outros, howraria. Quanto a mim, nenhuma dessas coisas me atrai. Mas tenho paixão por amigos.

Sócrates



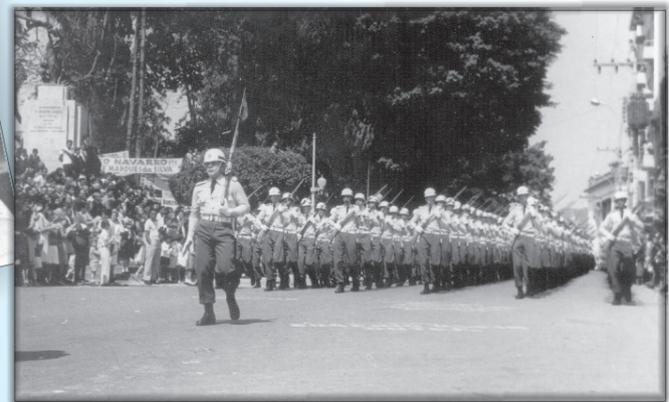


Foto: cortesia
José Carlos Ferreira (60-362)





A idéia foi do Homero (59-231) que enviou as fotos, bucólicas, dos anos sessenta. Teria sido um "VI" do Lajas (60-119)?... Permanece o mistério. Ficam as perguntas:

É o Lajas no Bonde? Será que alguém pode confirmar? Quem sabe?! Com a palavra, o próprio...





Desenho: crayon sobre papel, de Luiz Carlos de **Lacerda** Abreu e Lima (60-219)



Flagrantes dos 47 anos



"A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios... por isso, cante, ria, dance, chore e viva intensamente cada momento de sua vida... antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos."

Charles Chaplin





Setembro de 2009: flagrantes do churrasco de confraternização

